

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ADRIANA DANIELSKI BATISTA

OS IMPLÍCITOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Porto Alegre

2008

ADRIANA DANIELSKI BATISTA

OS IMPLÍCITOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre, pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Jorge Campos da Costa

Porto Alegre

2008

AGRADECIMENTOS

À PUCRS e à CAPES, pela bolsa concedida.

À coordenação, aos professores e às secretárias do PPGL.

Aos meus pais e ao meu esposo pelo amor, pela paciência e pelo incentivo para que eu pudesse alcançar mais esse objetivo.

À minha amiga Jésura, pelo apoio durante o percurso e pela amizade.

Ao meu professor e orientador, Dr. Jorge Campos da Costa, pela orientação e pelos ensinamentos concedidos durante o curso.

“Uma mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará a seu tamanho original”.

ALBERT EINSTEIN

RESUMO

O presente trabalho realizará um estudo teórico envolvendo a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e as histórias em quadrinhos de Mafalda, de Quino. Este estudo tem como objetivo verificar a validade e a consistência da referida teoria, que descreve e explica o significado implícito enquanto processo inferencial de comunicação. As histórias em quadrinhos servem como base de análise para o trabalho, pois constituem um material repleto de implícitos, que ultrapassam a fronteira do dito, ou seja, revelam informações outras que não estão expressas no texto. A Teoria das Implicaturas de Grice, que é essencialmente pragmática, é considerada de extrema importância porque oferece condições de apreender o significado em linguagem natural que extrapola a abordagem semântica, apesar de partir dela. Sendo assim, o trabalho valoriza a interface entre a Semântica e a Pragmática, entendendo que uma área complementa a outra no que tange ao estudo do significado.

Palavras-chave: Semântica. Pragmática. Implicaturas. Implícitos. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

The present research is about Grice's Implicatures Theory (1975) and Quin's Mafalda comic strips. The main goal is to verify the value and consistence of Grice's theory, which describes and explains 'implicit meaning' as an inferential process of communication. Mafalda comic strips are used for the analysis in the present study as they are considered to be stories full of implicit meaning, that is, stories that communicate information not written in the text. Grice's Implicature Theory is of a fundamental importance to this kind of analysis as it offers the necessary conditions to infer meaning from natural language that goes beyond semantics even if it is born from it. The study takes into consideration this interface between Pragmatics and Semantics as one area complements the other in the study of meaning.

Key-words: Semantics. Pragmatics. Implicature. Implicit. Comic strips.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA	12
1.1 A SEMÂNTICA	13
1.2 A PRAGMÁTICA	16
1.3 A INTERFACE SEMÂNTICA – PRAGMÁTICA	21
2 TEORIA DAS IMPLICATURAS DE PAUL GRICE	28
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO-FILOSÓFICO	28
2.2 TEORIA DAS IMPLICATURAS	30
2.3 AMPLIAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS IMPLICATURAS	39
3 O FENÔMENO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O CONTEXTO DAS IMPLICATURAS	46
3.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	47
3.2 MAFALDA	51
3.3 AS IMPLICATURAS EM MAFALDA	54
4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, MAFALDA E ANÁLISE DOS DADOS	56
4.1 METODOLOGIA	56
4.2 ANÁLISE DE DADOS	58
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXOS	79

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito analisar as implicaturas que se apresentam na linguagem natural, sendo aqui constatadas nas histórias em quadrinhos. As implicaturas, na linguagem natural, remetem ao campo da Pragmática, teoria lingüística que estuda o significado além do dito, e é alvo de grandes debates teóricos. A Pragmática estuda a linguagem natural, ultrapassando os limites da Semântica, entende que o significado vai além das condições-de-verdade expressas no nível do dito ou do codificado. A Semântica, como teoria lingüística, consegue descrever formalmente uma proposição, comprovando o valor de verdade de cada sentença, sua significação básica. Ela entende o significado livre de contexto. Inúmeras teorias semânticas tentam alcançar a noção de significado com diferentes argumentos. Entretanto, quando a intenção do falante, a compreensão do ouvinte, as inferências que o dito provoca e a influência do contexto (aliás, a própria noção de contexto, lingüisticamente falando) passam a ser consideradas, a precisão na definição de “significado” já não é tão garantida como aquela que leva em conta apenas as expressões livres de contexto. Para os semanticistas, já é complicado entender o significado em linguagem natural, porém a situação se agrava quando o contexto tem que ser considerado. Por tal razão, surge a Pragmática, com a proposta de ser uma nova teoria lingüística que tenta resolver tal dificuldade.

A Pragmática busca explicar cientificamente as propriedades da linguagem natural e entender o que há por trás de tudo que é dito, por trás de uma proposição com condições-de-verdade. Fica claro que tal área depende das propriedades das sentenças, revelando assim a importância de uma interface entre a semântica das condições-de-verdade e a semântica do uso. A relação entre as duas áreas

proporciona um melhor entendimento dos significados completos dos enunciados.

Com o objetivo de sistematizar a Pragmática e de estabelecer uma interface com a Semântica, surgem vários teóricos que tentam explicar o processo da linguagem em uso de forma objetiva. Austin (1962), com a sua Teoria dos Atos de Fala, Searle (1969), com sua complementação à Austin, Paul Grice (1967-1975), com suas Implicaturas Conversacionais, Sperber e Wilson (1986), com a Teoria da Relevância, e Levinson (1983- 2000) são alguns nomes que mostram a importância do estudo da Pragmática. O trabalho aponta a teoria de Grice (1975) como satisfatória para explicar a significação da linguagem natural, os processos que ocorrem quando a linguagem está em funcionamento.

Grice revoluciona o estudo da Pragmática com seus estudos sobre o dito e os efeitos de sentido que vão além do significado expresso linguisticamente, preocupação deste trabalho. O teórico apresenta seu conceito de “implicatura” e seu conceito de Princípio de Cooperação, mostrando que há leis que direcionam uma conversa e que, quando respeitadas ou violadas, provocam alguma inferência específica. Para o autor, as implicaturas são partes constituintes do dito, ou seja, as inferências são provocadas pelo que está expresso. Grice (1967) distingue o dito do implicado. Dito é o que está expresso, seria a semântica com suas condições-de-verdade. O implicado remete ao sentido que ultrapassa o limite do expresso e é apreendido através do processo inferencial realizado pelo ouvinte.

Apesar disso, a Teoria das Implicaturas (TI) não consegue dar conta de toda a amplitude que cerca a Pragmática. Há ainda pontos que falham na cientificidade da teoria que outros autores, especialmente Sperber e Wilson (1986), tentam contemplar. Porém, Grice é valorizado aqui, pois consegue elaborar um estudo minucioso sobre as implicaturas inferenciais, desenvolvendo principalmente – o que torna elogiável sua teoria – uma metodologia de análise.

As inferências pragmáticas fazem parte da comunicação humana. Quando o falante, por exemplo, diz algo “nas entrelinhas”, o ouvinte precisa inferir a informação que não foi dita, mas sugerida pelo dito. Ou seja, há uma implicatura por detrás do que é expresso pelo falante. Muitas vezes as informações não são ditas, propositadamente, para gerarem implicaturas diversas, sem comprometer quem as produz. Se o falante quer criticar algo, mas não quer fazer isso deliberadamente, para não se comprometer, é possível usar a ironia, por exemplo, já que pode cancelar caso alguém o critique. A cancelabilidade das implicaturas é um dos

recursos pragmáticos que Grice explora em seus estudos.

A teoria do referido autor é capaz de explicar de forma sistemática e aplicável as histórias em quadrinhos, que são ricas em implicaturas. As histórias em quadrinhos tratam de temas extremamente polêmicos, sem comprometer quem as produz. Elas significam muito mais do que é dito. Retratam dois níveis de linguagem: o semântico (o dito) e o pragmático (o implicado). Há, nas histórias em quadrinhos, uma rede de significações no que está expresso, o que mostra, claramente, o caráter pragmático e, em especial, as implicaturas de Grice. Tais implicaturas traduzem diversas críticas sociais e políticas.

Os quadrinhos constituem uma fonte bastante interessante de análise, uma vez que a linguagem é registrada de maneira inteligente e criativa, o que proporciona o humor. Além disso, há uma importante produção visual, que este trabalho não se propõe a contemplar, visto estar preocupado com a linguagem escrita e suas implicaturas. As imagens das histórias em quadrinhos, quando analisadas neste trabalho, servem apenas como coadjuvantes para a linguagem escrita, ou seja, quando estão a serviço da produção de implicaturas.

Sabendo que o significado nas histórias em quadrinhos vai além do que aqui é exposto, pretende-se apenas citar algumas características de tal produção, que influenciam no estudo do dito e do implicado.

Então, como a Semântica estuda a noção de significado e a Pragmática estuda a significação em contexto, percebe-se que é importante a interface entre as duas teorias lingüísticas.

Visto que Paul Grice (1967-1975) consegue explicar metodologicamente a significação em contexto, opta-se em utilizar sua teoria para explicar como uma história em quadrinhos produz implicaturas. Os quadrinhos foram escolhidos para exemplificar a linguagem natural e sua significação por se utilizarem muito de implícitos.

Sendo assim, dentro desse contexto de estudo, são levantadas as seguintes hipóteses:

- a Pragmática tem um papel importante no estudo da significação da linguagem natural, atuando ao lado da semântica das condições-de-verdade;
- o modelo de Grice é relevante para estudar a significação da linguagem natural, na medida em que estuda a relação entre o dito e o não-dito e

suas inferências, de forma sistemática e metodologicamente bem aplicável;

- as implicaturas de Grice podem ser verificadas nas histórias em quadrinhos, pois essas comunicam muito mais do que está dito nas suas falas;
- o desenvolvimento das histórias em quadrinhos se dá a partir do encadeamento dos implícitos registrados na fala dos personagens, a partir da relação dito *versus* implicado;
- as máximas conversacionais são registradas ou violadas nas histórias em quadrinhos;
- as histórias em quadrinhos constituem uma tipologia textual bastante complexa.

A partir disso, pode-se dizer que os objetivos do trabalho são:

- evidenciar a importância da Pragmática dentro do contexto lingüístico e sua relação com a semântica das condições-de-verdade, mostrando a linguagem em funcionamento, a significação contextualizada;
- apresentar o modelo de Grice (1975) e sua Teoria das Implicaturas, considerada uma das mais destacadas teorias da Pragmática, bem como as ampliações feitas ao modelo griceano, mostrando a importância do estudo dos implícitos;
- demonstrar que, para o desenvolvimento da história, cada personagem deve considerar (e identificar) os implícitos registrados na fala das demais personagens, a partir da relação dito *versus* implicado;
- reconhecer o registro ou a violação das máximas conversacionais nas histórias em quadrinhos;
- sistematizar as implicaturas conversacionais calculadas nas histórias em quadrinhos, mediante a aplicação da Teoria das Implicaturas de Grice;
- demonstrar, através da análise dos implícitos registrados na fala das personagens, que as histórias em quadrinhos constituem uma tipologia textual bastante complexa.

Explicitados os objetivos do trabalho, a metodologia consistirá em uma análise da teoria pragmática, passando pela Semântica, seguindo com uma análise da teoria de Grice (1975) e a sua aplicação nas histórias em quadrinhos, a fim de perceber as implicaturas geradas, ilustrando uma possibilidade de interpretação.

Então, o trabalho se organiza por meio de quatro capítulos. O primeiro capítulo tem como propósito explicar brevemente sobre a teoria semântica e sobre a teoria pragmática, bem como a interface entre ambas. Na primeira seção do capítulo, é apresentado um breve relato da teoria semântica; na segunda seção, é apresentado um breve relato da teoria pragmática dentro do contexto lingüístico e, na terceira seção, é realizado um breve estudo sobre a importância da interface entre Semântica e Pragmática, percebendo assim a relação desta última teoria com a semântica das condições-de-verdade e verificando a importância do estudo da significação em contexto.

No segundo capítulo, procura-se articular a teoria pragmática com a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), através do enfoque sobre a natureza dos implícitos. Na primeira seção do segundo capítulo, é apresentado um breve relato histórico da teoria de Paul Grice (1967-1975). Na segunda seção do capítulo, é feito um estudo mais detalhado sobre Paul Grice e sua Teoria das Implicaturas, de acordo com o texto “Lógica e Conversação” (1975). Nesse estudo, é abordado o modelo teórico griceano, com o Princípio de Cooperação (através das categorias de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo) e os tipos de implicaturas. E, a partir dos pontos frágeis que o modelo apresenta, na terceira seção do segundo capítulo, são também ressaltadas as argumentações de outros teóricos que desdobram a teoria griceana, como Sperber e Wilson (1986) e Levinson (1983). As considerações de Costa (1984) e Carston (2004) também são relevantes para tal propósito.

Concluído o estudo teórico sobre a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), o trabalho trata, no próximo capítulo, do fenômeno das histórias em quadrinhos e do contexto das implicaturas nas histórias. Assim, na primeira seção do terceiro capítulo, busca-se mostrar um breve relato sobre a produção das histórias em quadrinhos. Por conseguinte, na segunda seção do capítulo, são estudadas as características das histórias de Mafalda. Na terceira seção do capítulo, são estudadas as implicaturas em Mafalda.

O fechamento da investigação se dá no quarto capítulo, com a análise das histórias em quadrinhos, a partir do modelo griceano, sistematizando as implicaturas conversacionais particularizadas. A metodologia aplicada na análise é explicada na primeira seção do capítulo para, na segunda seção, ser realizada a análise. A conclusão busca verificar se foram contempladas todas as hipóteses norteadoras do trabalho.

1 A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA

A Semântica e a Pragmática são consideradas teorias lingüísticas fundamentais para a compreensão do significado, tanto no nível do dito, como no nível do implicado, do não-dito. Objetiva-se, assim, estabelecer a interação de ambas teorias, através do estudo do significado, traçando um breve panorama sobre cada uma delas. A intenção é mostrar que uma teoria complementa a outra, uma vez que as condições-de-verdade, postuladas pela Semântica, não dão conta de explicar a amplitude do significado, justificando a necessidade da Pragmática, que busca desvendar cientificamente as nuances da Linguagem Natural e compreender tudo aquilo que vai além do que é codificado.

As histórias em quadrinhos constituem o objeto de estudo deste trabalho, pois são repletas de implícitos. E são esses implícitos que serão estudados e analisados a partir dos diálogos estabelecidos nas histórias (a partir daquilo que é dito, registrado), uma vez que são eles que possibilitam o desenvolvimento da narrativa. Isso faz com que se perceba que essas histórias transmitem mais conteúdo semântico do que apenas aquele expresso lingüisticamente pelo enunciado. Sendo assim, percebe-se que a questão das implicaturas ultrapassa o limite da Semântica, justificando a necessidade de se considerar o estudo da Pragmática, que tenta capturar e explicar o sentido adicional do que é dito. É importante registrar que a comunicação em Linguagem Natural se constrói a partir da Semântica, passando por aspectos pragmáticos. Isso quer dizer que, para se ter uma comunicação eficiente, precisa-se levar em conta a relação dito *versus* implicado, pois ao falar as pessoas não constroem significado somente a partir do que é expresso literalmente. Elas, pelo contrário, sempre deixam algo nas entrelinhas e o mais interessante é que o ouvinte percebe isso, uma vez que há o estabelecimento de um acordo tácito de comunicação.

Assim, após percebida a importância de se estudar ambas teorias, embora de maneira sucinta, a primeira seção deste capítulo pretende apresentar os fundamentos da teoria semântica. A segunda seção registrará o percurso histórico da Pragmática, ressaltando a importância da Teoria das Implicaturas de Grice (1975). Já a terceira seção tratará da interface entre as referidas subteorias lingüísticas.

1.1 A SEMÂNTICA

Semântica é a disciplina da Lingüística que estuda o significado. Ela pode ser considerada, como coloca Costa (informação verbal)¹, a disciplina mais racional para se entender estudo do significado, uma vez que o processo comunicacional entre as pessoas se estabelece a partir do dito, do exposto. Estudar a significação da linguagem natural é algo bastante complexo, um desafio enfrentado constantemente por diversos teóricos. Lingüistas, filósofos, psicólogos tentam dar conta do funcionamento da língua, não apenas como processo articulatório ou como processo de interação social, mas como um mecanismo utilizado pelo ser humano e capaz de produzir uma infinidade de significados a partir de um mesmo enunciado.

Grice (1975) assume que há muito mais dito do que é exposto em um enunciado (entendendo enunciado como frase, oração, sentença escrita ou falada). Além de Grice, estudiosos como Sperber e Wilson (1986), Gazdar (1979), Levinson (1983) e Costa (1984) tentam desvendar e entender os percursos da linguagem desde seu proferimento, sua realização, até sua compreensão, recepção.

O termo “Semântica” foi empregado pela primeira vez por Michael Bréal, em 1883. A partir do século XX, os estudos sobre a linguagem tomam força. A Lingüística passa a ser considerada como ciência e a semântica, entendida como uma subteoria lingüística que estuda as propriedades do significado, é apresentada sob diferentes abordagens, como, por exemplo, o estruturalismo. Para uma melhor compreensão do que é significado, em termos de linguagem natural, será apresentado a seguir um breve relato das abordagens teóricas mais significativas em relação à Semântica.

Saussure é considerado pioneiro no que se refere ao estudo da disciplina “Semântica”, devido ao fato de ter dado um tratamento científico à mesma. O autor preocupava-se em estudar a estrutura da língua, o que chamou de sistema. Ao criar sistemas, conceitos das chamadas dicotomias, Saussure (1971) estabelece uma metodologia lingüística e acaba não desenvolvendo um estudo sobre o significado. Porém, trata da noção de signo ao apresentar a idéia de que o signo lingüístico constitui-se de duas faces, o significante e o significado.

Já Bloomfield é o fundador da lingüística estrutural norte-americana. Em sua

¹ COSTA, Jorge Campos da. Comentário realizado em aula expositiva na disciplina de Tópicos de Semântica, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008.

obra intitulada *Language*, produzida em 1933, ele fundamenta a Lingüística na Psicologia Behaviorista, comportamental, em que o princípio básico é a observação. Assim, Bloomfield dá início a um estudo da Lingüística baseado em observações de comportamentos lingüísticos. De acordo com essa visão, considera o significado algo externo às suas formas lingüísticas e impossível de ser objeto da Lingüística, privilegiando a Sintaxe em detrimento da Semântica.

Conforme Costa (1984), o paradigma estrutural da lingüística tem como características mais importantes a língua como objeto de estudo (abstração social), o uso do método científico indutivo (a partir de dicotomias, sistematização de fatos lingüísticos), a finalidade de descrever a estrutura de línguas particulares, a apresentação de teorias fortes como a Fonologia e a Morfologia (que remetem aos aspectos formais de linguagem) e problemas anômalos referentes ao significado e às relações no nível da frase. A relação entre semântica (significado) e sintaxe (frase) constitui um grande impasse. O Estruturalismo não dá conta das relações sistemáticas entre frases, como no caso da ativa e da passiva. Outro problema com que tal teoria se depara é o fato de não conseguir explicar fenômenos lingüísticos, como a redundância e a adição. Também apresenta dificuldade de sistematizar a distinção entre tipos de frases, como a interrogativa e a afirmativa. O autor ainda registra que a Teoria Estrutural não consegue evitar frases anômalas, tampouco descrever as ambigüidades lingüísticas.

Na década de cinquenta, surge Chomsky, que apresenta uma teoria revolucionária que causa grande impacto na Lingüística. Considerando o paradigma gerativo-transformacional de sua teoria, o autor defende a idéia de que a linguagem é inata, constitui uma propriedade genética, entendendo os fenômenos da língua como realizações de regras internas, próprias de uma Gramática Universal. Dessa forma, Chomsky contraria a teoria de Skinner que se constitui de teses mecanicistas do behaviorismo.

Para Chomsky, as regras de sintaxe são de natureza diferente das regras fonológicas e semânticas. Classifica a sintaxe como gerativa e a fonologia e a semântica, como interpretativas. Privilegia o estudo da sintaxe. A idéia de significado, embora já reconhecida, não é alvo de interesse do autor.

Em relação ao paradigma gerativo-transformacional, Costa (1984) registra, como características principais, a competência como objeto de estudo, a qual diz respeito à capacidade humana psicossomática para linguagem; o método hipotético-dedutivo, que

tem por base teorias matemáticas, formais; a finalidade de explicitar as regras internas que um falante ideal usa para produzir infinitas orações gramaticais e de buscar universais lingüísticos, propriedades comuns existentes nas diferentes línguas; a sintaxe como teoria forte e problemas anômalos relativos ao significado, o componente semântico e sua posição no modelo. A teoria chomskyana se revela frágil no que tange ao problema do significado, à função do componente semântico e sua relação com o componente sintático. Apesar da tentativa de reajustar alguns de seus conceitos, afirmando que a estrutura superficial determina alguns aspectos do significado, e de rever o conceito de “Semântica”, admitindo que seu modelo pudesse ultrapassar a gramática da oração, Chomsky não encontra solução para o problema da significação e acaba pautando seus estudos teóricos na Sintaxe.

Já o matemático Montague (1974) propõe que se estude a linguagem da mesma forma que as linguagens artificiais da Lógica e da Matemática. Sustenta a idéia de que não há diferença relevante entre linguagem formal e linguagem natural. De acordo com essa perspectiva, o significado é caracterizado por suas propriedades formais. A abordagem lingüística desenvolvida pelo teórico é a de que há uma interligação entre Sintaxe e Semântica e é a Semântica que impõe restrições à Sintaxe. Assim, estabelece o princípio essencial da composicionalidade apresentado por Frege (1960) ao nível lexical e sintático. Frege diz que o sentido da estrutura do todo é uma função das estruturas das partes que a compõem. O significado, de acordo com a visão formal, depende da determinação da Sintaxe para que seja interpretado pela Semântica. A Semântica das línguas naturais tem como base os padrões da Semântica Lógica, em que o significado tem uma relação direta com as condições-de-verdade, conforme coloca Tarski (1933).

O ponto forte da abordagem semântica, acima exposta, remete ao rigor científico, uma vez que é capaz de descrever formalmente a linguagem natural. Por isso, este trabalho considera de extrema importância a Semântica Formal. A posição aqui defendida é a de que a teoria semântica se ocupa das condições-de-verdade das sentenças, comprovadas através de cálculos.

Nos anos 70, há o surgimento de outras teorias e o crescimento da interdisciplinaridade entre as áreas da Lingüística, Sociologia e Filosofia, que buscam definir, de toda forma, o significado. O problema remete ao fato de relacionar o significado global do enunciado às condições-de-verdade, pois estas não dão conta das situações contextuais. Os estudiosos da Linguagem detêm seus

interesses no aspecto comunicativo da linguagem. É a partir da necessidade de se considerar a linguagem sob outro aspecto que surge a Pragmática.

Atualmente, há teorias que tratam de uma semântica dinâmica, como a teoria pautada por Hans Kamp (1981), que busca analisar, a partir de anáforas, relações discursivas, o movimento discursivo, tentando sustentar a idéia de que o contexto cria o enunciado e este cria o contexto, de acordo com a abordagem formalista. Enfim, o significado é alvo de muitos estudos.

Dessa forma, percebe-se que o estudo da Semântica está vinculado ao estudo das propriedades do significado e sua noção varia de acordo com a área externa em que está relacionada.

A definição de significado dada pela Semântica Formal, apesar de ter grande valia, devido a sua precisão e objetividade, não dá conta do entendimento do significado em situação contextual variável e é por essa razão que se justifica o surgimento da Pragmática, como uma teoria do uso da linguagem. Inúmeros teóricos, de diversas áreas, tentam, então, sistematizar a Pragmática. Assim, este trabalho trata, a seguir, de tal panorama.

1.2 A PRAGMÁTICA

De acordo com o exposto acima, a Semântica estuda as propriedades do significado. Já a Pragmática é geralmente caracterizada como o estudo do uso da linguagem. Trata-se de uma disciplina pouco rígida e sujeita a diversas interpretações.

Assim, a seguir serão apresentados os fundamentos da Pragmática, a partir de seu percurso histórico.

Para se compreender melhor o percurso da Pragmática, tem-se por base, Dascal (1982), que compila inúmeros artigos sobre o assunto, como o de Bar-Hillel (1952), Stalnaker (1982), Katz (1977) e Quine (1967). Além de Dascal (1982), também contemplam-se neste trabalho os estudos desenvolvidos por Davis (1991), Levinson (1983), Austin (1962), Searle (1969), Morris (1938), Carnap (1938), Grice (1957,1975), Sperber e Wilson (1986).

A denominação “Pragmática” origina-se do grego “pragma”, que significa “coisa”, “objeto” e do verbo “pracein”, que quer dizer “agir”, “fazer”. O termo “Pragmática” é um rótulo relacionado à Semiótica. Peirce trata a Semiótica como

qualquer processo em que algo funciona como sinal para alguém. Remete à ciência dos sinais. Para o autor, a relação semiótica básica envolve um sinal, uma designação e um intérprete.

Segundo Silveira² (2005), as teorias científicas, para Pierce, são conjuntos de hipóteses cuja validade só pode ser determinada considerando-se sua eficácia e sucesso, resultados, efeitos e conseqüências, ou seja, prática científica. A linha seguida por Pierce está inserida na perspectiva da Filosofia da Ciência.

A partir da noção de semiótica de Pierce, Morris, em 1938, trata a Ciência da Linguagem como sendo dividida em Sintaxe (relação entre os signos), Semântica (relação dos signos com os objetos designados) e Pragmática (relação dos signos com os intérpretes / usuários). Essas noções são muito gerais, podendo ser aplicadas em qualquer área, e esse era o objetivo de Morris. Em 1938, Carnap reformula a idéia de Morris, definindo a Pragmática como o estudo da linguagem em relação aos seus falantes, seus usuários. A Pragmática se estabelece a partir do uso da língua. Sendo os usuários da língua desconsiderados e analisando-se apenas as expressões e as designações, o estudo insere-se no ramo da Semântica. E, se não há relação entre referente e interlocutores, tendo apenas expressões por si mesmas, o ramo é da Sintaxe.

Wittgenstein, com sua obra “Investigações Filosóficas” (1953), busca mostrar o jogo da linguagem, o contexto como parte do significado lingüístico. Ressalta, em seu trabalho, a importância do extralingüístico, criando o conceito “jogos da linguagem”. Para o autor, a linguagem não é somente um instrumento, mas constitui uma forma infinita de jogos e usos especiais. Apresenta a noção de que significado é uso. Então, quando a linguagem está a serviço da comunicação, tudo depende do uso.

No seu artigo “Expressões Indiciais”, Bar-Hillel, em 1952 (In: DASCAL, 1982), avalia o papel do contexto para a determinação da referência de uma sentença. O contexto deve estar contido na sentença .

Bar-Hillel usa, como um exemplo, três frases³, estabelecendo a diferença entre elas.

1) O gelo flutua sobre a água.

² SILVEIRA, Jane Rita Caetano. Comentário realizado em aula expositiva na disciplina de Pragmática, na Pontifícia Universidade do Rio grande do Sul. Porto Alegre: 2005

³ BAR-HILLEL, Yehoshua. Expressões Indiciais. In: DASCAL, Marcelo. Fundamentos Metodológicos da Lingüística. Volume IV. Campinas: 1989.

- 2) Está chovendo.
- 3) Estou com fome.

Nota-se que apenas a primeira frase pode ser compreendida sem contexto, sem elementos indiciais que remetam a significação a uma dependência de contexto. Já a segunda sentença é entendida pelas pessoas que conhecem o lugar e o momento de sua produção e a identificação da referência visada na sentença. E a última frase exige o conhecimento de seu produtor e do momento em que foi produzida, de acordo com a análise sugerida por Bar-Hillel. O autor, assim, já evidencia o cuidado de definir contexto como “descrições-de-contexto”, a fim de ser considerado como entidade lingüística, formando par ordenado junto com a sentença.

Grice, em seu artigo “Meaning”, produzido em 1957, mostra que as intenções são relevantes para a linguagem. Nesse momento, defende a pragmática como subteoria separada das demais, por considerar o estudo do significado algo complexo. Ele sugere que o significado proposicional seja investigado, quanto às suas condições-de-verdade, pela Semântica e o significado adicional ou as intenções, pela Pragmática. Assim, a Pragmática como ciência pode ser passível de sistematização e concebida como uma área complementar à Semântica. Grice distingue, como mencionado anteriormente, o significado material do significado não material, dizendo que há diferença entre os significados expressos pelos usuários da língua, em determinadas situações. É possível perceber o dito e o não dito, o significado que aparece no contexto da comunicação e que foge das condições-de-verdade. Assim, trata das limitações do significado dos conectivos lógicos na linguagem natural e propõe que se estude a lógica da linguagem natural.

Austin, com sua obra intitulada “How to do things with words”, em 1962, argumenta que a linguagem não tem como única função descrever, mas fazer atos. Trata-se de um trabalho de sistematização dos fenômenos pragmáticos que propõe um modelo de abordagem conhecido como Atos de Fala. Ele alega que todo proferimento envolve um aspecto locucionário, que remete ao proferimento de uma sentença com um certo sentido e referência, um aspecto ilocucionário, que remete à força empregada no enunciado, e um aspecto perlocutório, que remete à intenção do locutor.

Seguindo a linha de Austin, Searle, em 1969, desenvolveu um trabalho sobre atos de fala, “Speech Acts”, argumentando que significado e ato ilocucionário devem

ser considerados de maneira distinta, já que nem sempre é possível diferenciar as intenções do falante. Dessa forma, ele acaba reformulando a tipologia dos atos de fala, considera os atos de proferimento (acústico, sonoro), os atos proposicionais (referência que o locutor faz a um objeto e seu predicado), atos ilocucionários (asserções, pedidos, ordens) e atos perlocucionários (efeitos, resultados dos atos ilocucionários).

De acordo com Dascal (1982), Austin (1962) influencia a obra de Grice, de 1975, uma vez que este, ao partir das idéias dos atos de fala, formaliza a noção de “dito” e “implicado”, lançando a Teoria das Implicaturas e o Princípio da Cooperação, com suas máximas de conversação, e cria uma metodologia precisa de análise de uso da linguagem. Ele propõe uma lógica não trivial na natureza da linguagem. Nessa perspectiva, a Teoria das Implicaturas é muito importante porque propicia o estudo do significado que escapa à abordagem semântica. Por tais razões, essa teoria, até hoje, usufrui de extremo respeito e consideração. O autor registra que a linguagem tem uma função para a ciência e outra para a comunicação.

Gazdar, em 1979, contribui de forma relevante para o panorama da Pragmática como teoria, definindo-a como significado menos condições-de-verdade. O que o autor pretende mostrar é que a semântica das condições-de-verdade não deve ser o único aspecto a ser considerado em um enunciado. As frases “Júlia gosta de Paula” e “Até Júlia gosta de Paula” exemplificam a proposta de Gazdar, uma vez que se percebe que as condições-de-verdade são as mesmas, mas o sentido de uma sentença vai mais além em relação à outra. Ele pensa que é difícil atribuir autonomia à Semântica, já que um mesmo enunciado pode trazer proposições falsas ou verdadeiras conforme o contexto. Por exemplo, uma entonação, às vezes, pode modificar todo o sentido do que se diz. A importância dos estudos realizados por Gazdar está na sua ressalva de que a Semântica e a Pragmática devem trabalhar conjuntamente na busca pelo significado da linguagem natural. Assim como a Semântica não pode ser autônoma, a Pragmática também precisa de sua base semântica, para produzir outras manifestações de sentido.

A partir da obra de Grice, em 1986, Sperber e Wilson definem a Pragmática como teoria da compreensão de inferências. Na verdade, os autores questionam o trabalho de Grice, apontando as seguintes questões: como saber qual a natureza do Princípio de Cooperação e das máximas? Como saber se as regras, as leis de conversação são universais, inatas? Como definir se o falante e o ouvinte

compartilham do mesmo pensamento, a fim de estabelecer compreensão (idéia de conhecimento mútuo)? Essas são questões que norteiam a teoria criada por Sperber e Wilson, conhecida como “Teoria da Relevância”, que se baseia no princípio griceano “Seja Relevante”, máxima não muito explorada por Grice.

Os autores da Teoria da Relevância defendem a idéia de que todo ato comunicativo é ostensivo e inferencial, ou seja, há um princípio de ostensão e um processo inferencial envolvidos na comunicação. Eles não estudam apenas o falante e sua ostensão, mas também a recepção do ouvinte, o processo inferencial, o cálculo não-trivial e não-demonstrativo. Essa teoria possui uma abordagem pragmático-cognitiva e apresenta a idéia de que o conceito de Relevância deve ser proposto como uma espécie de máxima geral e única, em que uma inferência dedutiva pode ser calculada a partir da relação entre um enunciado e um contexto. De acordo com o proposto por eles, os indivíduos prestam atenção apenas naquilo que os interessa, que lhes pareça relevante.

Outro mérito de Sperber e Wilson remete à revisão sobre os termos “conhecimento mútuo” e “contexto”. Para os autores o “conhecimento mútuo” não existe; alegam que se isso realmente ocorresse, se o falante e o ouvinte compartilhassem o mesmo conhecimento, não precisaria haver comunicação. Já em relação ao “contexto”, eles acreditam ser complicado definir, então optam por tratá-lo como representação mental.

Em última análise, é possível afirmar que a Pragmática pode ser apresentada de acordo com diferentes definições. A Semântica é uma disciplina que estuda o significado estável, enquanto a Pragmática é responsável pelos outros aspectos que o compõem. Nessa parte do trabalho, foram tratados os fundamentos da teoria pragmática, ressaltando que ela faz parte da Ciência da Linguagem, havendo a preocupação de se estudar o significado que está além do que é dito, do que é codificado, tentando, assim, solucionar questões de significação que a Semântica não consegue sustentar.

Em relação ao percurso histórico, percebe-se, além da importância de Grice com sua definição de dito, não-dito e implícitos, a importância de Sperber e Wilson, uma vez que abordam, em sua teoria, mais uma área além da Semântica e da Pragmática, que remete à Ciência Cognitiva.

Verifica-se uma interface bastante interessante entre essas teorias, porém esse não é o foco do trabalho apresentado. Em se tratando de interface, nota-se que

a Pragmática é uma teoria que depende da Semântica e a Semântica é afinada com a Pragmática. A Pragmática considera o sentido estável da Semântica e tenta ultrapassá-lo, capturar o sentido adicional da linguagem. Sendo assim, é de extrema relevância o estabelecimento da interface entre Semântica e Pragmática, assunto que será abordado na próxima seção.

1.3 A INTERFACE SEMÂNTICA – PRAGMÁTICA

Conforme registrado anteriormente, a interface estabelecida entre as áreas da Semântica e da Pragmática é muito importante, tendo em vista que uma área complementa a outra. O debate sobre a relação entre as duas áreas tem gerado grande repercussão nos estudos lingüísticos, uma vez que os limites da Semântica e da Pragmática ainda não são muito claros e dependem da visão metodológica adotada. Há quem desconsidere a Pragmática no que se refere aos estudos do significado, acreditando que a Semântica é a única disciplina capaz de estudá-lo de forma mais rigorosa. Por outro lado, há aqueles que acreditam que o significado está no discurso e depende de fatores extralingüísticos para sua determinação. Entretanto, a visão adotada neste trabalho, já evidenciada, é a de uma interface entre as duas disciplinas.

Levinson, em 1983, ordena diversos estudos pragmáticos e tenta analisar um a um, a fim de esclarecer o conceito de “Pragmática” e estabelecer sua relação com o conceito de “Semântica”.

Em um primeiro momento, o autor tenta relacionar o conceito de “Pragmática” com a teoria de Chomsky (1971), sobre competência e performance, sendo a Pragmática responsável pelo estudo dessa última. Assim, ele, aproveitando a definição de Pragmática proposta por Gazdar (1979) – estudo do significado que não pode ser tratado de forma rigorosa e lógica pelas condições-de-verdade, define o tópico como sendo o estudo dos aspectos do significado dos quais uma teoria semântica não dá conta.

Para Levinson, a Pragmática deve se aliar à Semântica como uma camada de significado instável, dependente de contexto, sobre o significado fixo da Semântica. O escopo da Pragmática deve incluir a ironia, a metáfora e o implícito, e não apenas o significado convencional das sentenças.

Comunicado é diferente de dito. Enquanto o último remete àquilo que é

expresso, o primeiro tem relação com a intenção do falante de que o ouvinte reconheça o que se pretende dizer, estabelecendo assim um conhecimento mútuo entre os dois. O comunicado é o objeto da Pragmática e só existe porque há o dito, que, por sua vez, é o objeto de estudo da Semântica.

O problema de separar a Pragmática e a Semântica, como foi feito anteriormente, está justamente no fato de que, em algumas situações, o significado convencional pode ser o mesmo do que o pretendido pelo falante e assim não se pode afirmar que a Pragmática trata do resíduo da Semântica. Outro problema remete aos casos em que elementos convencionais da linguagem não abordam as condições-de-verdade das sentenças, como ocorre com o uso de “mas”, que pode ser pela lógica das condições-de-verdade, substituído por “e”. Assim, tal significado não seria tratado de maneira adequada pela Semântica. A definição de Pragmática como estudo das relações entre contexto e linguagem também apresenta problema, uma vez que é complicado definir contexto.

Outra definição que Levinson explora é a de que Pragmática é o estudo do uso apropriado das sentenças (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969). A Semântica dá conta das condições-de-verdade da sentença, mas, de acordo com essa idéia, a Pragmática estabelece as condições de uso apropriado nas mesmas circunstâncias, predizendo para cada sentença bem formada, numa leitura semântica particular, o conjunto de contextos no qual ela seria apropriada. Isso é inviável, já que não há como englobar todos os possíveis casos. Inclusive, há situações em que a violação, a má formação da sentença é proposital por parte do falante. Esse é o foco do trabalho de Grice (1975), já que são esses casos que geram as implicaturas.

Em relação à idéia postulada por Sperber e Wilson (1986), de que a Pragmática envolve também ostensão, Levinson (1983) a aponta como não satisfatória. Tratar tal disciplina como o estudo da dêixis, das pressuposições, dos atos de fala, indica os tópicos centrais da Pragmática, mas não prevê a inclusão ou a exclusão de outros fenômenos da linguagem.

Gazdar (1979) sugere que a Pragmática deve ser baseada na noção de mudança de contexto, pois há um contexto antes e depois do enunciado. O contexto não pode ser pressuposto ou dado. A Pragmática, segundo essa proposta, constitui uma função entre uma sentença e o contexto (1) que leva a um contexto (2). A Pragmática é definida como o significado menos as condições-de-verdade. Ou seja, ela tem como tópico aspectos do significado dos enunciados que não podem ser

tratados pelas condições-de-verdade das sentenças. Para o autor, a Semântica não deve ser considerada autônoma em relação à Pragmática, pois muitas vezes é preciso informação contextual para identificar as condições-de-verdade das sentenças, como numa inversão da ordem dos fatos, em que o significado muda.

Barreto (2002) registra detalhes sobre a obra de Levinson (2000), onde a interface é efetivamente discutida e uma nova perspectiva de relação entre as teorias do significado é apresentada. Assim, é importante retomar as idéias de Levinson.

De acordo com Barreto, o autor apresenta como visão tradicional de interface entre Semântica e Pragmática a de que a primeira serve como *input* para a segunda teoria. Segundo essa visão, a Semântica fornece significados gerais que a Pragmática deveria posteriormente restringir. Essa perspectiva aponta para uma Pragmática Pós-semântica. O fato de não aceitar a idéia de uma Pragmática Pré-Semântica, apontada por Ivan Sag, seria uma Semântica Pós-Pragmática. Assim, o exemplo “Ter um filho e casar é pior do que casar e ter um filho” seria computado pela Semântica, sem interferência pragmática, como uma contradição. A Semântica interpretaria esse enunciado como uma contradição porque a noção de temporalidade do “e” não é interpretada. A Pragmática rejeita esse resultado através da implicatura generalizada “e então”, que surge pela competência do usuário ao interpretar que nesse enunciado é importante a ordem dos fatos. Logo, seria necessário, conforme afirma Barreto, computar o significado do todo, alterando os dois argumentos do predicado “é pior que”, através de um segundo componente semântico, mas que, diferentemente do primeiro, aceitaria *input* pragmático.

Essa proposta é problemática, pois prediz intuições de verdade e falsidade erradas, não é econômica, de acordo com Levison (apud BARRETO, 2000), pois dobra o processamento semântico.

Robyn Carston (2004) aponta o problema do conectivo “e” para abordar a questão da explicatura. Se é dito, por exemplo: “João estava na sala e estava escutando música”, ou “Carla foi humilhada e saiu de casa”, ou “Joana é professora e Ana é atleta”, é percebido que há diferença pragmática entre os significados do conetivo “e”. No primeiro caso, há a idéia de simultaneidade; no segundo, de relação causal e, no último, é apenas um conetivo lógico. Para a autora, esses casos não constituem ambigüidade lexical, mas a forma como a informação é organizada na mente, já que mesmo sem o conetivo “e”, a idéia permaneceria a mesma.

Carston trata então de outra proposta de Levinson, apresentada por Barreto, que é a chamada Pragmática Pré-Semântica Restrita, que permite a interferência pragmática, mas de forma limitada, envolvendo somente os fatores pragmáticos necessários para desenvolver a forma lógica. Tal posição, além de ser adotada por Carston, é também seguida por Sperber e Wilson (1986) e Kempson (1986), que fazem distinção entre implicatura e explicatura. Esta última serve para desenvolver a forma lógica, enriquecendo-a com o mínimo necessário para que a representação semântica possa adquirir uma forma proposicional completa. A explicatura é o *input* da implicatura.

Carston, em seu artigo intitulado “Explicature and Semantics”, de 1999, publicado em sua página virtual pessoal (acessada em 2008), explica que a visão da Semântica da linguagem natural é que uma sentença tem uma estrutura lógica e é marcada por seu conteúdo veritativo, com base em suas estruturas. Assim, a Semântica captura as propriedades lógicas das sentenças, incluindo a noção de verdade, a contradição, a inferência válida. O conhecimento dessas propriedades é parte da competência semântica da cada falante, conforme já citado. Como exemplo disso, são citadas as seguintes frases:

- 1) (a) Se está chovendo, não podemos jogar futebol.
- (b) Está chovendo.
- (c) Não podemos jogar futebol.

Ou:

- 2) (a) Se João parou seu carro numa posição ilegal e Cláudio bateu nele, então João é responsável pelos danos.
- (b) Cláudio bateu no carro de João e João parou seu carro numa posição ilegal.
- (c) João é responsável pelos danos.

Percebe-se, observando as frases, que o primeiro exemplo mostra um argumento válido e o segundo parece inválido. Porém, a validade do primeiro, de acordo com Carston, depende dos requerimentos que não estão expostos na sentença usada: o tempo e o espaço da chuva mencionados em (b) é o mesmo que mencionado em (c). Se a conversa fosse através de um telefonema entre duas pessoas de lugares diferentes, uma falando da Alemanha e outra falando do Brasil, a partir das premissas apontadas, não se chega a (c), apesar de se acreditar nas premissas (a) e (b). O mesmo ocorre com a validade do segundo exemplo, já que é

preciso ter uma relação causal entre dois eventos e essa relação não é exposta na sentença.

Carston mostra então que o julgamento de validade de uma sentença depende mais do conteúdo do léxico do que da estrutura sintática, ou seja, mais do significado do sistema lingüístico; o conteúdo não é aquele referente ao código lingüístico, mas aquele referente a outro processo capaz de capturar o contexto extralingüístico.

A proposição expressa no primeiro exemplo, em (b), em um contexto particular, pode significar o mesmo que:

“Está chovendo na Alemanha, num tempo x”.

E a expressão usada no segundo exemplo, em (b) pode significar o mesmo que:

“[Cláudio bateu em João, no tempo x] p e [como resultado de p, João parou no tempo x+1 numa posição ilegal]”.

De acordo com Carston, a idéia é a de que há indexadores escondidos na forma lógica das sentenças. Há um elemento não realizado, marcando o lugar, ou o tempo, por exemplo. Numa Semântica Formal, pensa-se em índice contextual, mas numa Semântica mais psicologicamente orientada, aceita-se que há um processo de inferência pragmática que encontra esse elemento escondido no contexto.

Para Carston, a Semântica é livre de contexto e invariável, e a Pragmática é o significado do falante que envolve o contexto. É aqui que incide sua defesa, já mencionada antes, do termo “explicatura”, que é uma assunção comunicada por um enunciado e tem uma forma pragmática desenvolvida fora da forma lógica do enunciado. Há diferença entre o dito e a explicatura. O dito é invariável em relação ao contexto e é suprimido sem intenção do falante ou intervenções de princípios pragmáticos, diferente da explicatura, que envolve um componente do significado pragmaticamente derivado, junto com o lingüisticamente codificado. A explicatura envolve um enriquecimento, incorporando material conceitual (pragmático). Os seus constituintes conceituais podem ser diferentes dos conceitos apresentados no léxico, na forma lógica da sentença.

Levinson (apud BARRETO, 2002) tomou uma posição contrária aos que adotam a noção de explicatura, porque esta noção faz um enriquecimento mínimo para ter condição-de-verdade e seria necessário um enriquecimento maior que fosse suficiente para que se tivesse uma especificidade informacional. Para ele, mudar o

nome para implicatura ou explicatura não muda a questão de que há uma intrusão pragmática no conteúdo semântico, que é o que promete a interface entre Semântica e Pragmática.

Barreto ainda registra que Levinson considera as inferências pragmáticas necessárias para o estabelecimento das condições-de-verdade no módulo de interpretação semântica. O processamento semântico pode se estabelecer até certo ponto, até surgir a Pragmática, que auxilia na determinação das condições-de-verdade para a Semântica então seguir. O argumento de Levinson, já apresentado neste trabalho, é de que Grice trata os implícitos dependentes da determinação do dito. O dito, por sua vez, depende dos referidos processos lingüísticos, como por exemplo, a desambiguação. Mas tais processos dependem de processos inferenciais que se igualam às implicaturas. Assim, o que é dito parece tanto determinar como ser determinado pela implicatura.

Finalizando, Davis (1991) argumenta que a Pragmática pode ser vista como parte da teoria da competência, pode ser parte de uma teoria psicológica que explica o que é conhecido tacitamente pelos falantes e que possibilita que utilizem e compreendam sentenças de uma língua. Pelo conhecimento inato que se tem quanto às estruturas sintáticas da língua, sabe-se dizer quando uma sentença não é bem formada. Essa definição tem a vantagem de colocar a Pragmática como um componente integrante da Lingüística, articulando Semântica e Sintaxe Gerativa, de forma que a Pragmática não se limita a dar conta dos restos da Semântica, mas há um domínio de fenômenos cujo tratamento está em seu escopo, como afirma Portanova (1997).

A idéia pautada por Davis é consistente por argumentar que a Semântica deve dar conta das condições de satisfação das sentenças, inclusive com relação a contextos particulares, quando afetarem as condições-de-verdade das sentenças. Quando elementos contextuais afetarem as condições veritativas das mesmas, a teoria de satisfação deve especificar a intenção do falante. Uma teoria pragmática tem como domínio as intenções comunicativas do falante, os usos da linguagem que exigem tais intenções e as estratégias usadas pelo ouvinte para calcular as intenções do falante e compreenderem o que ele está dizendo.

Ao se falar em interface, não se pode deixar de mencionar a DRT (Discourse Representational Theory), que trata os enunciados como fatores contextuais também. Hans Kamp (1981), de acordo com Barreto (2002), mostra que a

informação pragmática interfere na representação semântica e em sua interpretação. O contexto é trazido para dentro da semântica das condições-de-verdade e com rigor formal. A DRS, que é a representação semântica discursiva, é derivada de algoritmos de *input* sintático, mas também incorpora resolução pragmática. Há uma semântica mais dinâmica.

Atualmente, o debate em torno da definição e da delimitação de estudo do campo da Pragmática ainda é corrente. Áreas como a Semântica Computacional também fazem parte dessa relação de significação e uso, por exemplo. Assim, a discussão entre os limites da Semântica e da Pragmática permanece sendo alvo de estudo.

Assim, neste capítulo foram tratados os aspectos principais da Semântica e da Pragmática, observando que a primeira área estuda as condições-de-verdade, o significado estável, e a segunda, a significação em contexto. A interface entre as duas áreas foi considerada de extrema importância, já que a teoria semântica não alcança toda a significação possível de um enunciado e a teoria pragmática necessita de uma base semântica para então desvendar os diversos sentidos de um enunciado.

A interface entre essas áreas é presenciada a todo momento na comunicação humana. Uma história em quadrinhos, por exemplo, apresenta o dito, o explícito, sua base semântica, mas apresenta também todos os implícitos, os não-ditos, os diversos sentidos possíveis de ser interpretados.

Para Levinson (1983), assim como a Fonologia não é autônoma à Sintaxe, a Semântica não pode se autônoma em relação à Pragmática, pois necessita de seu *input*. Grice se inclui nessa visão, em que a Semântica fornece significados gerais e a Pragmática os restringe.

Paul Grice foi tomado como base para o estudo de diferentes autores, que ampliam o seu modelo de comunicação, mas que nunca deixam de reconhecê-lo como elemento necessário para a sistematização da Pragmática como ciência metodológica, possível de aplicação. Ao dizer que as implicaturas são proposições que são implicadas pelo enunciado de uma sentença em um dado contexto, mesmo que tal proposição esteja fora do dito, o autor constrói uma teoria comunicacional inovadora. Por essa razão, a teoria proposta por Grice é escolhida como foco do trabalho. Para tanto, o próximo capítulo trata de sua teoria e de sua proposta de criar um método de análise de conversação que envolve implicaturas e cálculos inferências.

2 TEORIA DAS IMPLICATURAS DE PAUL GRICE

No capítulo anterior, verificou-se que a Semântica e a Pragmática remetem a áreas distintas, porém complementares. Uma é responsável pelo estudo das condições-de-verdade, daquilo que é expresso lingüisticamente, do dito; a outra trata do estudo do não-dito, do significado em contexto, das inferências. Grice (1975), como já foi registrado anteriormente, destaca-se na história da Lingüística por apresentar uma teoria inovadora em relação à comunicação. A idéia defendida pelo autor é de que há muito mais dito do que o que está expresso. Essa idéia é consistente, pois pode ser demonstrada através de cálculos precisos, o que acaba aproximando Grice dos formalistas, apesar de sua teoria tratar de um tema mais próximo dos informalistas.

Assim, a primeira seção deste capítulo trata da contextualização do autor a sua época, enquanto a segunda seção apresenta a sua Teoria das Implicaturas, que remete ao modelo de comunicação inferencial. Como todo renomado teórico, as idéias griceanas repercutem e despertam o interesse de inúmeros autores sobre a Teoria das Implicaturas, os quais acabam apontando novas observações, ampliando assim o modelo. As ampliações da Teoria das Implicaturas de Grice é assunto da terceira seção deste capítulo.

Para tanto, destacam, além de autores como Gazdar (1979) e Costa (1984), os autores Sperber e Wilson (1984), que apresentam um modelo cognitivo inferencial de comunicação, partindo de observações e críticas referentes ao modelo griceano.

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO-FILOSÓFICO

De acordo com o apontado anteriormente, Paul Grice (1975) apresenta sua teoria em uma época em que vários estudiosos começam a desenvolver estudos sobre o significado comunicacional da linguagem natural. O referido teórico tenta explicar o significado das palavras, separando-o em convencional e não-convencional, de forma precisa, buscando demonstrar que muitas vezes o que é dito não é o mesmo que se quis dizer, ou seja, a relação entre Semântica e Pragmática é colocada por Grice como estreita. Por tal razão, se faz necessário a contextualização do autor em relação a sua época.

O debate proposto por Grice, já evidenciado neste trabalho, constituiu, na época, um divisor de opiniões. De um lado, os formalistas, estudiosos que compreendiam a linguagem como algo lógico, formal, entendem que a linguagem não poderia ser tomada para fins comunicacionais, mas, tão somente, servir às necessidades da ciência. Do outro lado, os informalistas, que não aceitavam que a linguagem deveria ser tratada de maneira estanque, já que desempenhava um papel muito mais amplo. Esses teóricos apoiaram mais Grice do que os primeiros, embora o autor tente fazer uso da lógica para provar a eficácia de sua teoria de comunicação, destruindo assim a fronteira entre a Lógica e a linguagem natural e fazendo da primeira um recurso para se estudar a segunda. Grice não ousa propor uma nova lógica para a linguagem natural, uma vez que considera extremamente importante os estudos pautados pela Lógica Clássica.

Para Grice (1957), o significado das palavras remete àquilo que o falante quer significar. Para ele, o que as palavras significam diz respeito ao que as pessoas significam com elas. O autor não avalia a ampliação do contexto para explicar a variação do significado, pois, de acordo com sua proposta, há uma certa regularidade de uso e de intenção das palavras. As variações ocorrem sobre um modelo standard.

De acordo com Barreto (2002), Grice, em seu artigo “Meaning” (1957), distingue o significado natural (significado n) de significado não-natural (significado nn), correspondendo o primeiro ao que está dito e o segundo à intenção sobre o que foi dito. É nesse momento que aparece, pela primeira vez, a noção de “implicatura”, evidenciando que a comunicação não envolve somente codificação e decodificação, mas que o significado extrapola o que está posto. O objetivo do teórico é descrever como esse processo ocorre, de que maneira o ouvinte entende aquilo que foi dito e aquilo que não foi dito. Assim, Grice supõe uma regra interna do falante e do ouvinte que possibilita esse entendimento. A partir disso, o autor resolve se dedicar ao estudo do significado – nn, denominando aquilo que não é dito como implicado. Grice cria um novo modelo de comunicação, não mais de códigos, de codificação e decodificação, mas do que é dito e do que não é dito, do implicado. Ele produz seu artigo “Logic and Conversation” em 1967, nas conferências desenvolvidas em homenagem a William James, na Universidade de Harvard. Surge, então, a Teoria das Implicaturas, assunto da próxima seção do capítulo.

2.2 TEORIA DAS IMPLICATURAS

Grice inicia seu estudo na área da significação da linguagem natural em 1957 com seu artigo intitulado “Meaning”, conforme já mencionado anteriormente. Com o artigo “Logic and Conversation”, de 1967 (publicado em 1975), ele revoluciona os estudos pragmáticos, no que se refere à sistematização e ao cunho metodológico desenvolvido para analisar uma conversação. Ele desenvolve uma teoria buscando mostrar como um enunciado pode significar mais do que é dito e como os usuários conseguem capturar os diferentes significados. Nesse sentido, o teórico procura estabelecer uma regra que permita a um falante (A) transmitir algo além da frase e a um ouvinte (B) entender essa informação extra.

O exemplo clássico é o diálogo entre (A) e (B) sobre (C)⁴:

(A) - Como está Fulano no seu emprego novo?

(B) - Oh, muito bem, ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso.

Para Grice, há duas formas de significação distintas nesse diálogo: o que é dito e o que é implicado (poderia (C) ter sido preso). Dessa forma, introduz os termos técnicos implicar (implicate), implicatura (implicature) e implicado (implicatum). O dito seria o convencional e o implicado é o foco de seu estudo. O dito é considerado o significado expresso em termos literais ou como proposição em seu valor semântico. Já o implicado remete ao significado derivado a partir do contexto da conversação e apreendido pelo receptor através de um raciocínio lógico e dedutivo.

De acordo com Grice, quando dois indivíduos dialogam, há leis que governam esse ato comunicativo. Ao conjunto de regras estabelecidas entre os participantes do discurso, Grice dá o nome de “Princípio de Cooperação”. O autor registra que os participantes devem fazer sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que estão engajados. Em outras palavras, Grice diz que os diálogos devem ser entendidos como esforços cooperativos em que cada participante reconhece neles um propósito comum ou um conjunto de propósitos ou uma direção a ser seguida ou aceita por ambos.

Assim, são atreladas ao Princípio da Cooperação quatro categorias

⁴ GRICE, Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). Fundamentos Metodológicos da Lingüística. Volume 4. Campinas: Unicamp, 1982.

compostas por máximas conversacionais:

1) Categoria da Quantidade

Tem relação com a quantidade de informação a ser fornecida em uma mensagem.

Primeira máxima: faça sua contribuição tão informativa quanto é requerido para o propósito da conversação.

Segunda máxima: não faça sua contribuição mais informativa do que o exigido para o propósito da conversação.

Resumindo: diga somente o necessário, nem mais nem menos.

2) Categoria da Qualidade

A informação deve ser assumida como verdadeira

Primeira máxima: não diga o que você acredita ser falso.

Segunda máxima: não diga senão aquilo que você pode fornecer evidência adequada.

3) Categoria da Relação

A informação deve ser relevante.

Primeira máxima: seja relevante.

4) Categoria do Modo

Remete à clareza, à objetividade da informação. Relacionada à idéia de “seja claro”.

Primeira máxima: evite obscuridade de expressão.

Segunda máxima: evite ambigüidade.

Terceira máxima: seja breve

Quarta máxima: seja ordenado

Grice reconhece que existem outras regras, como por exemplo a polidez, que governam a comunicação. Contudo, ele alega que essas quatro categorias são suficientes para explicar o fenômeno das implicaturas conversacionais.

Segundo Levinson (1983), as máximas especificam o que devem fazer os participantes para conversar de modo mais eficiente, racional e cooperativo; devem se expressar de maneira sincera, pertinente e clara, ao mesmo tempo em que

transmitem informações suficientes.

As máximas conversacionais podem ser respeitadas ou violadas. Quando violadas, a compreensão do enunciado pode ficar comprometida, fazendo com que o interlocutor fique no âmbito do dito. Porém, o locutor pode violar uma das máximas propositadamente, objetivando a observação do Princípio Cooperativo por parte do interlocutor. Além disso, os participantes podem utilizar a quebra das máximas em seu benefício. Se algumas dessas máximas não for seguida, é porque, de acordo com Grice, há alguma razão para tal. Considerando o exposto, pode-se registrar que as inferências são geradas a partir da obediência ou desobediência proposital às máximas conversacionais.

A violação, a quebra das máximas, serve para gerar implicatura. Para entender o que é uma implicatura, é necessário considerar o caráter intencional que caracteriza toda e qualquer situação comunicativa. E é através do reconhecimento da intencionalidade que o processo de inferência é estabelecido pelo interlocutor que, além de ter que identificar o sentido literal das palavras, deve associá-la a seu conhecimento enciclopédico para obter determinado sentido conversacional. Desta forma, a inferência do dito e do contexto é essencial para que os implícitos estabelecidos na linguagem sejam compreendidos e interpretados pelos participantes do ato comunicativo. Grice nomeou esse processo de implicatura.

É importante, antes de abordar as quebras das máximas, ressaltar que Grice classifica as implicaturas de acordo com o seu conteúdo comunicado nas sentenças. Segundo o teórico, existem dois tipos de implicaturas, a convencional e a conversacional. Campos (1984) registra que implicatura convencional remete ao significado convencional das palavras, enquanto implicatura conversacional não decorre da significação usual e sim de certos princípios básicos do ato comunicativo.

Sobre a questão implicatura, Ilari e Geraldi (1990, p.76) afirmam:

O uso do termo implicatura se deve ao desejo de distinguir dois fenômenos lingüísticos: o fenômeno do acarretamento, o que se infere uma expressão com base apenas no sentido literal de outra; e o fenômeno em que a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional.

Em relação à implicatura conversacional, vale dizer que ela é subdividida em particularizada e generalizada. No primeiro caso, o significado é dependente do

contexto. Já no segundo caso, o significado depende do contexto e do código verbal. A implicatura generalizada, por não depender de um contexto especial para ser desencadeada, pode ser confundida com a implicatura convencional. Por exemplo:

(A) – Você viu a Marina e o Pedro?

(B) – Eu vi o Pedro.

Ao ouvir a resposta de (B), (A) acredita que ele esteja cooperando. Portanto, se (B) deu menos informação ao não mencionar o nome de Marina, é porque implicou que o que não foi dito não aconteceu, isto é, (B) não viu Marina.

A implicatura generalizada pode ser comunicada em conceito de escala, a chamada implicatura escalar. Exemplo:

(A) – Ana já concluiu alguns relatórios.

Independentemente do contexto, a frase de (A) implica que Ana não concluiu todos os relatórios. De outro modo, se alguém acrescentasse em seguida que, na verdade, Ana concluiu todos os relatórios, a frase de (A) surpreenderia por parecer estar quebrando o princípio da cooperação, mas essa situação poderia perfeitamente acontecer, uma vez que as implicaturas são passíveis de ser canceladas.

A implicatura conversacional particularizada, como já foi mencionado, exige informação contextual. Ela surge a partir das máximas e das suas quebras, violações. É devido às implicaturas particularizadas que se pode compreender a ironia, a metáfora e a ambigüidade, por exemplo.

É preciso lembrar que essas violações não prejudicam o princípio cooperativo dos usuários da língua, pois geralmente elas ocorrem para que o ouvinte tire suas conclusões conforme o contexto conversacional. Na verdade, essas violações funcionam na conversação como “pseudoviolações” e não como quebras propriamente ditas.

Sobre a violação das máximas, é possível elaborar uma síntese, baseada na leitura de Grice:

1) Uma máxima não é violada sem razão aparente

(A) – Mãe! Posso ir ao cinema hoje?

(B) – Você não tirou boas notas na escola.

Aparentemente, esse exemplo sugere uma violação da máxima de relação pelo fato de (A) não ter recebido uma resposta que seria exigida, sim ou não. Porém, (B) entende (A), inferindo que a resposta foi não.

2) Uma máxima só é violada para que outra não o seja

(A) - Onde está o meu dicionário?

(B) - Em algum lugar dessa casa.

É evidente que (B) não foi tão informativo quanto (A) esperava, mas este entende perfeitamente o que (B) quis dizer, inferindo que ele também não sabe onde está o dicionário, senão teria dado a informação de maneira precisa. O que (B) fez foi respeitar a máxima da qualidade, ou seja, falou somente sobre o que tinha evidências para mostrar. Desta forma, (B) procura ser cooperativo ao tentar dar alguma informação, mesmo que de forma imprecisa.

3) Violação da máxima para gerar implicatura conversacional

Nesse caso, o falante desconsidera a máxima com a intenção de que ela seja explorada. Em outras palavras, o falante viola aparentemente a máxima para transmitir algo com essa quebra, com o propósito de obter uma implicatura conversacional. As figuras de linguagem fazem parte desse contexto.

I – Abandono da máxima da quantidade

a. Por falta de informação

(A) - Guilherme é um profissional questionável.

(B) - Cada um é cada um.

Nesse exemplo, há a falta de informação precisa, o que acaba gerando uma tautologia. A tautologia, como a resposta de (B), desconsidera a máxima da quantidade. (B) ao falar com a informação e produzir uma tautologia quis, na verdade, implicar que se deve respeitar a individualidade de cada um e que não vai opinar sobre Guilherme.

b. Por excesso de informação

(A) - Como é seu namorado?

(B) - Ah, o Frederico é ruivo, olhos claros, alto, elegante, inteligente, é financeiramente bem resolvido, tem três apartamentos em Porto Alegre, carinhoso e me ama muito.

Esse exemplo evidencia o excesso de informação, mostrando que (B) quis implicar que seu namorado possui um perfil interessante, quanto mais informação

prestava à (A), mais tornava seu namorado especial.

II – Abandono da máxima de qualidade

a. Abandono da primeira máxima

Nesse caso, há a afirmação de algo que se sabe ser falso, com o objetivo de implicar outra idéia. A ironia constitui um exemplo clássico de suposta violação da máxima de qualidade.

(A) - Você não quis comprar um carro?

(B) - Não, eu gosto mesmo é de andar de ônibus, sendo comprimida por diversas pessoas e sempre chegando atrasada ao trabalho.

Percebe-se, por inferências retiradas do contexto, que a resposta dada por (B) é falsa. A ironia serve para dizer exatamente o contrário do que se disse. No exemplo acima, poderia se pensar que (B) não tem dinheiro para comprar um carro, ou que não pôde comprar por alguma razão, mas jamais pensar que (B) não o fez por gostar de ser comprimida por diversas pessoas e ainda chegar atrasada ao trabalho, visto que isso é impossível de acordo com o contexto.

b. Abandono da segunda máxima

(A) - Onde está a Joana?

(B) - Em algum lugar, fumando.

Nesse exemplo, o abandono da segunda máxima se deve à falta de evidência sobre o que é afirmado. Na verdade, (B) não tem informação sobre onde Joana está. No entanto, acaba implicando, com sua resposta, que Joana sempre está fumando.

III – Abandono da máxima de relação

(A) - Carlos, você já me traiu?

(B) - Bah! Já é muito tarde, tenho que ir embora.

Nesse caso, (B) viola a máxima de relevância, sugerindo que não quer falar sobre o assunto. No entanto, (B) foi relevante ao fugir do assunto para que (A) entenda que (B) talvez já tenha a traído e não quer lhe falar diretamente.

IV – Abandono da máxima de modo

Esse tipo de violação pode ocorrer de diversas formas. Envolve a questão: “seja claro”.

a. Obscuridade

(A) - Então, te encontro naquele local e naquela hora.

(B) - Estarei lá.

Em um contexto em que (A) e (B) não querem que outras pessoas saibam onde vão se encontrar, percebe-se que (A) se vale da obscuridade para que (B) entenda e implique que (A) não quer que outras pessoas tomem conhecimento sobre o assunto.

b. Ambigüidade

(A) - O que você achou do Laura?

(B) - Ela é fofa.

Nesse caso, a palavra “fofa” pode gerar diferentes significações. Pode significar que Laura é querida, agradável, ou, em um sentido negativo, que ela é uma pessoa gorda, obesa. Tais implicações podem ser consideradas porque a palavra “fofa” é ambígua nesse contexto.

c. Falta de concisão

(A) - O que é terapia holística?

(B) - Terapia = do grego *terapeûos*: harmonizar, equilibrar; Holística = do grego *holus*: totalidade. A terapia holística é um sistema avançado de terapias integradas e progressivas com método personalizado, que trabalha com uma somatória de técnicas milenares e modernas de altíssima vibração energética, que pode ser utilizada para tratamentos bastante profundos. Este procedimento terapêutico visa compreender profundamente o indivíduo como um todo, tendo como foco o corpo, a mente e o espírito, em toda sua forma de atuação e maneira de viver.

Nesse exemplo, a explicação detalhada de (B) gera mais de uma implicação: seu interesse pelo tipo de tratamento ou mostrar a (A) que entende do assunto, por exemplo. Há a violação da máxima de brevidade com o objetivo de fornecer informações mais detalhadas.

d. Falta de ordem

(A) - Que livro você está lendo?

(B) - Por você, faria isso mil vezes!

Trata-se de situações em que a ordem ou a forma das sentenças é alterada com o objetivo de gerar implicaturas. Nesse caso, (B) espera que (A), ao ouvir tal frase, associe-a ao livro “O caçador de pipas”, onde esta é registrada / dita por um dos principais personagens. (B) sugere que (A) reconheça, por implicatura, que livro ele está lendo.

É através da Teoria das Implicaturas que Grice contrói um sistema capaz de tratar da significação implícita na comunicação humana. O valor atribuído a essa teoria deve-se a sua capacidade de explanação pragmática para os fenômenos lingüísticos, além de simplificar a estrutura e o conteúdo das descrições semânticas.

Percebe-se, então, que a implicatura conversacional pode ser calculável ou dedutível, cancelável, não-separável, indeterminável, não-convencional, não-veiculada pelo dito, mas pelo dizer o dito. Assim, a seguir essas características serão analisadas:

Calculáveis

Mesmo que o ouvinte consiga entender intuitivamente o que se disse, há a necessidade de se calcular a implicatura.

(A) - Estou com dor de cabeça.

(B) - Há uma farmácia nesta rua.

(A) acredita que (B) está respeitando o Princípio de Cooperação e, então, calcula: se (B) disse que há uma farmácia nesta rua ao ouvir minha frase, então (B) quis implicar que devo ir à farmácia, a farmácia está aberta, lá tem medicamento, eu posso ir lá para ser medicado e acabar com minha dor.

Canceláveis

As implicaturas são canceláveis, uma vez que o falante pode acrescentar idéias e cancelar o que havia sido implicado anteriormente. Há diferença entre acarretamento e implicatura. O primeiro não pode ser cancelado, já o segundo pode. Por exemplo:

(A) - Maria comprou uma bicicleta, se não mais.

O acréscimo cancela a implicatura inicial de que Maria havia comprado

apenas uma bicicleta.

Não-separáveis

Mesmo trocando as expressões de um determinado enunciado por outras sinônimas, a implicatura será mantida. Por exemplo, pode-se dizer: “Minha cabeça dói” ou “Estou com dor de cabeça”.

Indetermináveis

Um enunciado pode gerar diferentes implicaturas, dependendo do contexto.

(A) - O que você tem a dizer sobre seu novo colega de trabalho?

(B) - Ele é uma fera.

Esta característica é, algumas vezes, desejável pelo fato de permitir diferentes interpretações. Nesse exemplo, (B), ao caracterizar seu colega de trabalho como “uma fera”, sugere diferentes interpretações: bravo, feio, muito bom, entre outras características.

Não-convencionais

Nesse caso, a implicatura não é veiculada ao significado convencional das expressões lingüísticas.

(A) - O que você acha de estudar política?

(B) - Tão simples como estudar a Teoria da Relatividade.

A resposta dada por (B) parece irrelevante, mas apenas quer mostrar a dificuldade de se estudar política, comparando-a com uma teoria mais difícil.

Não-veiculadas pelo dito

A idéia é de que somente as condições-de-verdade não podem determinar a implicatura, pois o dito pode ser verdadeiro e o implicado, falso.

(A) – Fábio é acusado de corrupção.

(B) – São críticas da oposição.

O que é dito por (A) é verdadeiro e o que é implicado por (B) é falso.

O que foi constatado até o presente momento é que a proposta de Grice não pretende provar que toda língua segue essas regras em uma conversação, mas mostrar que elas servem de base para uma possível modelagem do sistema de conversação e que, além do dito, há implicaturas que acabam interferindo no

significado total do enunciado. As quebras das máximas permitem o entendimento, justamente por serem compreendidas pelos usuários da língua. Grice tenta explicar como esse processo ocorre e é bem-sucedido em relação ao cunho metodológico que apresenta, pois aplica uma metodologia para entender o funcionamento da língua.

Levinson estabelece uma espécie de revalorização de Grice, devido ao fato de este relacionar fenômenos lingüísticos com regras de conversação, além de explicar o funcionamento na prática das tautologias e das contradições.

Porém, como toda teoria expressiva, são atribuídas críticas e ampliações. Desta forma, na seção seguinte, serão registradas algumas observações relevantes sobre as máximas e suas quebras, bem como os desdobramentos sobre a Teoria das Implicaturas.

2.3 AMPLIAÇÕES SOBRE A TEORIA DAS IMPLICATURAS

Conforme apontado anteriormente, toda teoria científica bem elaborada gera discussões e ampliações e com Paul Grice (1975), com sua Teoria das Implicaturas, não foi diferente. Esta seção tem o objetivo de apontar as relevantes observações apresentadas a partir do modelo griceano, considerando autores como Levinson (1983), Carston (2004), Costa (1984) e Barreto (2002).

O primeiro ponto a ser considerado remete à observação feita por Levinson (1983) de que, ao se retirar as máximas de modo “seja breve” e “seja ordenado”, todas as demais não se referem à estrutura de superfície diretamente. Levinson diz que é complicado saber se as implicaturas são geradas pela estrutura de superfície, pela representação semântica ou pelas condições-de-verdade. Para ilustrar essa dificuldade, o autor cita o caso das expressões “talvez”, “pode ser” e “possivelmente”, que apesar de sugerirem a mesma implicatura, não possuem a mesma estrutura de superfície. Podem também apresentar a mesma condição-de-verdade. Isso pode ser observado em tautologias, que são necessariamente verdadeiras, possuem as mesmas condições-de-verdade, mas não possuem as mesmas implicaturas. Assim, Levinson afirma que é mais provável que as implicaturas sejam derivadas da representação semântica, junto com as condições-de-verdade, o que revela novamente a importância da interface entre Semântica e Pragmática, pois há uma relação de dependência entre elas.

Gazdar (1979), de acordo com Costa (1984), com sua contribuição da máxima de quantidade, realmente fortifica o trabalho de Grice, pois propõe uma análise distribuindo as implicaturas de quantidade em escalares e oracionais, registrando que há uma relação de itens hierarquizados na língua, um grau de quantidade de informação. É importante mencionar que o autor aplica essa sua idéia de maneira formalizada, solucionando problemas resistentes à teoria griceana.

Gazdar afirma que os conceitos de verdade e evidência são difíceis de formular. Desta forma, sugere uma mudança em relação à máxima de qualidade: “afirme somente o que você conhece”, em que conhecer é tomado como primitivo e empregado em lógica epistêmica, conforme Costa (1984). Porém, é complicada essa definição, pois nem sempre o usuário da língua fala aquilo que realmente sabe, muitas vezes ele diz o que não sabe, com a mesma certeza. Para tanto, Gazdar reformula novamente sua máxima: “para qualquer sentença declarativa x , a asserção de x compromete o falante para Sx ”. Esse caso pode ser exemplificado através do seguinte diálogo:

(A) - Você leu o último livro de Jorge Amado.

(B) - Sim, como você sabe?

(C) - Eu não sei, estou lhe perguntando.

Ao tratar do tema “implicaturas oracionais e escalares”, Gazdar acaba tendo como aliado Levinson (1983), que concorda com a idéia de que as implicaturas escalares consistem em um conjunto de formas lingüísticas da mesma categoria gramatical que podem ser ordenadas em seqüência de acordo com o grau de informação que têm. Uma escala desse tipo é e_1, e_2, e_3, \dots , em que E_1 acarreta E_2 , que acarreta E_3, \dots . Levinson sistematiza a regra de derivação de implicaturas escalares, que diz que se em uma escala E_1, E_2, E_3, \dots , (A) disser E_2 , ele implicou E_1 . Se disser E_3 , implicou E_1, E_2, \dots . Ou seja, se é dito: “Todos gostam de Maria”, acarreta que “alguns” gostam de Maria, e se é dito: “Alguns gostam de Maria”, implica que “nem todos gostam de Maria”.

Com as implicaturas oracionais, o cálculo funciona quase da mesma maneira. Se é dito: “É possível que p ”, implica que “É possível que não p ” e também que “ p ” não é necessário.

Segundo Costa (1984), Kaurttunen e Peters, em 1979, trabalham com o conceito de pressuposição, mostrando que ela pode ser implicatura convencional, implicatura conversacional particularizada e implicatura conversacional generalizada.

Quando se percebe os condicionais contrafactuais, por exemplo, há situações em que a pressuposição contrafactiva aparece como implicatura conversacional particularizada, sendo uma inferência que envolve o dito, suas condições-de-verdade, a situação particular do contexto e as máximas griceanas na interação conversacional. O uso do “se” pode exemplificar o que foi dito anteriormente.

“Se Maria estivesse embarcado naquele avião, ela não estaria viva agora.”

Pensa-se, devido ao uso do condicional, que a primeira oração é falsa, pois a segunda assim é. Entretanto, há o exemplo:

“Se Maria tivesse casado com aquele homem, ela estaria cada vez mais infeliz, como de fato está.”

Nesse último exemplo, percebe-se que a oração conseqüente é verdadeira, assim, o antecedente passa a ser verdadeiro. Novamente, há a questão da máxima da qualidade (por isso a importância de seu aprofundamento), pois é preciso supor que o falante esteja falando a verdade ou não para que se passe da falsidade do conseqüente para a falsidade do antecedente, por exemplo.

Os teóricos Kaurttunen e Peters dizem que há outra relação entre o modo indicativo e o modo subjuntivo, e que esse último é epistemologicamente possível, mas não necessariamente. O indicativo também pode ser:

“Se eu tomasse esse chá, emagreceria.”

“Se eu tomar esse chá, emagrecerei.”

Outro ponto que deve ser observado diz respeito às pressuposições que podem ser explicadas em termos de condições-de-verdade, de condições preparatórias dos atos de fala e de princípios conversacionais. Por exemplo:

“Maria criticou Carlos pela declaração que este fez à imprensa.”

É pressuposto com isso que Carlos fez alguma declaração à imprensa. Mas mesmo assim, pode ser cancelável:

“Maria criticou Carlos pela declaração que este deu à imprensa, mas na verdade quem fez a declaração foi João.”

Verbos de juízo de valor, como “condenar”, “criticar”, não dependem de um contexto específico, por isso podem gerar implicaturas conversacionais generalizadas.

Outro tipo de pressuposição levantada por Costa (1984) remete àquela que é determinada pelo léxico, como o uso de “até” e “também”, que não depende de um contexto, porque a pressuposição já está inserida no próprio valor semântico das

expressões, sendo considerada semanticamente sobre as condições-de-verdade e pragmaticamente sobre sua significação extra-literal do item lexical. As pressuposições, como foram vistas, estão muito mais relacionadas à Pragmática do que para à Semântica.

Sperber e Wilson (1986) retomam a teoria de Grice, utilizando-a como *insigth* para uma nova teoria, com interface na Semântica Cognitiva. Os autores afirmam que há mais de um nível de significado além do dito e do implicado, e que o dito não é determinado apenas pelas condições-de-verdade. Eles propõem um sistema de inferências não-triviais, como implicações contextuais, derivadas da relação entre o enunciado e o contexto, argumentando que a derivação não pode se dar nem do enunciado sozinho, nem do contexto isoladamente, mas sim do jogo de ambos no ato comunicativo. Segundo os autores, os interlocutores buscam a maior relevância possível para o enunciado, envolvendo a implicação contextual. Criam com isso o conceito de “Relevância” como o primeiro princípio, fazendo parte dele as máximas do Princípio de Cooperação.

Isso ocorre a partir do momento em que Sperber e Wilson (1986) mudam o conceito de “conhecimento mútuo” proposto por Grice (1975). Para esses autores, é desnecessário e insuficiente para o contexto o conhecimento mútuo. Eles consideraram a interpretação cognitiva e comunicativa para tratar as inferências, em especial, a implicatura conversacional particularizada, acreditando na relação menor custo, maior benefício. Segundo os teóricos, em uma conversação, os participantes não ficam o tempo todo fazendo exercício lógicos de inferência. Por tal razão, uma teoria pragmática que procure apreender os dados significativos e inerentes à linguagem natural não pode fazer parte dos sistemas dedutivos “standard”, necessitando de uma dedução mais rigorosa, com inferências não-triviais, sendo fundamental o Princípio de Relevância. A implicação contextual é derivada de uma lógica não-trivial, e a relevância só pode ser constatada mediante operações dedutivas.

Enquanto Grice considera a cooperação parte essencial da comunicação humana, Sperber e Wilson (1986) consideram a relevância, não porque os falantes obedecem à Máxima de Relevância, mas porque a relevância é fundamental para a cognição, para que os usuários da língua interajam recionalmente. Na teoria griceana, a quebra das máximas é ponto crucial, já Sperber e Wilsom defendem que não há violações na língua. Grice tem maior preocupação com o significado implícito

e Sperber e Wilson se preocupam com o explícito também, pois acreditam que há a participação de fatores pragmáticos na designação da referência, na desambiguação e em outras contribuições da Pragmática para o dito, o que Grice define como conteúdo condicional da verdade dos enunciados.

Para Sperber e Wilson, o contexto não foi bem definido por Grice. Os autores alegam que, para a interpretação dos enunciados, geralmente o contexto não pode ser fixado antes e sim construído, pois há inferências não-triviais, como implicações contextuais, derivadas da relação entre o enunciado e o contexto, em que os interlocutores buscam a maior relevância possível. A partir disso, eles formulam o Princípio da Relevância, que afirma que todo ato de comunicação ostensiva comunica a presunção de relevância ótima.

O modelo de comunicação ostensivo-inferencial tenta alcançar efeitos cognitivos que se baseiam na relação entre efeitos contextuais e esforço de processamento, implicando graus de relevância. Se um enunciado tiver a mesma quantidade de processos e operações que outro, o mais relevante será o que tiver maior número de implicações contextuais; se os dois enunciados tiverem o mesmo número de implicações contextuais, o mais relevante será o que tiver menor quantidade de operações. Sperber e Wilson apresentam dois princípios de Relevância, um de base comunicativa e outro de base cognitiva.

Carston segue mais ou menos a linha teórica de Sperber e Wilson (1986), defendendo a idéia de que há explicatura entre o dito e não-dito, e que há uma interface entre Semântica, Pragmática e Cognição. De acordo com o referido autor, Grice entende o enunciado como uma implicatura conversacional generalizada, no nível da comunicação implícita, diferente de Sperber e Wilson, que apresentam a noção de explicatura, para mostrar que o ouvinte não precisa deduzir algumas idéias, mas apenas desenvolver sua forma lógica codificada. Essa codificação passa por processos interpretativos no nível do explícito e não do implícito. É no nível da explicatura que o ouvinte compreende algumas idéias, como a atribuição de referentes. Carston (1991) afirma que a explicatura pode ser mais ou menos explícita, desde que esta seja uma combinação de traços lingüisticamente codificados e contextualmente inferidos. Sempre há uma contribuição lingüística, mas que desempenha um papel modesto. O ouvinte completa uma contribuição lingüística atribuindo referentes, excluindo a ambigüidade e tudo isso é alcançado através de princípios de natureza pragmática.

Este trabalho considera importante destacar a extrema contribuição de Sperber e Wilson no que se refere à noção de contexto e principalmente à noção de conhecimento mútuo. Eles postulam que contexto é um construto psicológico, um subconjunto de suposições do ouvinte sobre o mundo. São essas suposições, naturalmente, e não a descrição real do mundo, que afetam a interpretação de um enunciado. Entretanto, o presente estudo opta pelas idéias de Grice, por ser aplicável de forma consistente.

Também se faz necessário destacar a relevante contribuição de Costa (1984) com sua ampliação do modelo griceano. Costa, a partir do estudo da Relevância, contribui de forma perspicaz para a discussão teórica, observando que Grice (1975) quis “implicar”, com sua explícita informalidade, os problemas que existem para que a lógica standard sistematize as inferências do tipo implicatura conversacional. Para Costa, a supermáxima de relação “Seja o mais relevante possível” ocupa a posição mais elevada no modelo, tornando-se uma propriedade geral que se manifesta junto a todas as outras máximas. Ainda segundo o autor, a irrelevância é relevante, pois algumas vezes se muda de assunto ou se foge do tópico a fim de ser relevante para o contexto. O que ocorre então, de acordo com o teórico, é que, nas implicaturas por quebra de máxima, o dito está a serviço do implicado e “as quebras nada mais são do que uma forma de irrelevância pragmática para que o ouvinte busque a implicatura que é o aspecto central da significação pretendida nesses casos” (Costa, 1984, p.129). A implicatura é a relevância pragmática do dito; enquanto o acarretamento é uma parte da relação lógica relevante, a relevância é o acarretamento pragmático.

Mesmo após analisar as ampliações realizadas a partir da teoria griceana, avalia-se que Grice é ainda um ícone nos postulados sobre Linguagem. Levinson (1983) destaca que, na Teoria das implicaturas de Grice, há uma explanação pragmática para fenômenos lingüísticos e regras de conversação, conforme já citado. Destaca-se também o fato de Grice conseguir explicar como um enunciado significa mais do que está expresso. Levinson também ressalta que o renomado teórico simplificou a estrutura e o conteúdo das descrições semânticas, sendo capaz também de explicar os mecanismos pragmáticos que surgem com expressões como “mesmo”, “até”, inclusive a tautologia e a contradição, como também já foi registrado anteriormente. Enfim, Levinson aponta a importância de Grice no que tange aos estudos pragmáticos e é devido ao mérito da teoria griceana que este trabalho se

dedica à Teoria das Implicaturas, considerando as importantes ampliações sugeridas por Costa (1984), que foram alcançadas a partir da leitura de outros autores, como Gazdar (1979).

Conclui-se, portanto, nesta parte do trabalho, que Grice é um teórico fundamental para o desenvolvimento científico da Pragmática. O autor propõe um modelo de comunicação baseado em um acordo tácito entre os participantes, em que há regras a serem seguidas, e suas quebras provocam implicaturas, que são inferências provocadas a partir do dito. Grice (1975) sofre críticas, principalmente em relação a sua definição de contexto e conhecimento mútuo, e por não explorar de maneira mais efetiva o conceito de Relevância. No entanto, vale ressaltar a importância de Grice por tratar de temas como a intencionalidade, a significação além do contexto. A intencionalidade do falante, o poder de persuasão, através do uso da língua pode ser observada nas histórias em quadrinhos de Quino, por exemplo. As histórias em quadrinhos de Quino e suas implicaturas constituem o tema do próximo capítulo deste trabalho.

3 O FENÔMENO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O CONTEXTO DAS IMPLICATURAS

Até o presente momento, observou-se o contexto da Pragmática e a importância de seu estudo, sendo abordadas diferentes propostas em relação ao estudo da significação. Percebe-se que as implicaturas de Grice (1975) são extremamente importantes para explicar os fenômenos da significação da linguagem natural no processo de comunicação. O autor revela que há muito mais significado do que o que é expresso linguisticamente.

Embora haja algumas ampliações, algumas discussões sobre o modelo griceano, ele é ainda forte o suficiente para servir de escopo de análise. Considerando as sugestões de autores posteriores à Grice, como Costa (1984), baseadas em Gazdar (1979), Levinson (1983), entre outros, busca-se agora aplicar o referido modelo teórico às histórias em quadrinhos. As histórias em quadrinhos são repletas de implícitos. E são esses implícitos que serão estudados e analisados a partir dos diálogos estabelecidos nas histórias, uma vez que são eles que possibilitam o desenvolvimento da narrativa. Assim, a Teoria das Implicaturas terá grande valia para este trabalho, pois fundamenta-se na relação dito *versus* implicado. E para atingir seu objetivo de comunicar opiniões e idéias polêmicas, sem comprometer quem as registra, as histórias em quadrinhos se valem dos recursos da língua, buscando serem breves, objetivas, ou seja, respeitando o Princípio de Cooperação, mesmo praticando ambigüidade propositadamente. Então, a fim de decifrar essas questões, dentre tantas outras que envolvem as histórias em quadrinhos, este capítulo busca estudar o tema “histórias em quadrinhos e implicaturas”.

Faz-se necessário registrar que o autor das histórias em quadrinhos escolhido é o argentino Quino. A seleção do referido autor deve-se ao fato de ele constituir um ícone em relação a histórias em quadrinhos no mundo. Suas histórias são lidas e conhecidas por grande parte da população mundial, além de possuírem personagens interessantes, as quais carregam características bastante relevantes. E essas características são extremamente polêmicas, o que torna as histórias mais atrativas.

Sendo assim, na primeira seção do capítulo, é traçado um breve estudo sobre as histórias em quadrinhos. Feito isso, é importante desvendar as principais

características da produção das histórias em quadrinhos de Mafalda, que são evidenciadas na segunda seção do presente capítulo. E por último, na terceira seção do capítulo, é visto como as implicaturas se apresentam nas histórias em quadrinhos de Mafalda.

3.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos comunicam idéias e opiniões de maneira bastante inteligente e, muitas vezes, até mesmo bem-humorada. Em relação ao tipo textual, essas histórias são consideradas seqüências narrativas, porém podem apresentar características de outras tipologias textuais, como a argumentativa e a injuntiva.

Segundo Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2003), essa tipologia textual teve sua origem nos jornais. Com o passar do tempo, ganhou autonomia, resultando em publicações especializadas, como é o caso dos gibis. Os quadrinhos, atualmente, são encontrados nos mais variados veículos da mídia – gibis, diferentes revistas, boletins informativos de empresas, jornais, entre outros.

As histórias em quadrinhos e as tiras⁵ constituem um sistema interacional composto pela relação entre dois códigos: o visual e o verbal, os quais são importantes para o entendimento do sentido. Os primeiros quadrinhos apresentavam desenhos divididos em quadros acompanhados de legendas, as quais davam continuidade às ações. A partir do século XIX, o texto passa a acompanhar sistematicamente o desenho, através das falas das personagens (geralmente conversas informais) expressas nos balões. É o início de uma relação entre linguagens diferentes, mas, de certa forma, complementares: a linguagem verbal e a linguagem não-verbal (imagem).

A linguagem nas histórias em quadrinhos foi sendo desenvolvida conforme a criatividade dos autores que, ao se apropriarem de diversos meios e de diversas formas de expressão, criaram uma linguagem específica do gênero. O meio que mais emprestou recursos de linguagem aos quadrinhos foi o cinema, o que propiciou uma certa proximidade entre esses gêneros.

A linguagem visual, ou icônica, tem como principal elemento a imagem, a qual se apresenta como uma seqüência de quadros que transmitem uma mensagem ao

⁵ Segundo Mendonça (2003), as tiras derivam das histórias em quadrinhos, por isso optou-se por fazer um percurso teórico a partir destas.

leitor. Tal seqüência permite que se estabeleça uma ordem de leitura, da esquerda para a direita e de cima para baixo, em relação à disposição dos personagens e seus respectivos discursos, ainda que, em algumas histórias em quadrinhos, os significados sejam expressos apenas pelo aspecto não-verbal da imagem.

Conforme Cirne (1970), a técnica de desenho utilizada nas histórias em quadrinhos está ligada à intenção do seu criador. Fazem parte, também, dessa intenção questões de enquadramento, ângulos de visão, formatos dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, criação das personagens, utilização de figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais. A compreensão desses elementos se faz necessária, uma vez que é ela que possibilitará uma melhor utilização das histórias em quadrinhos.

O quadrinho, ou vinheta, pode representar, através da imagem, tanto um instante fixo quanto uma seqüência de instantes interligados que compõem uma determinada ação específica da história. Inicialmente, devido às limitações de espaço nos jornais e revistas, as vinhetas se apresentavam num mesmo formato. Com o desenvolvimento do gênero, fez-se necessária certa dinamicidade nas narrativas e, com isso, as vinhetas passaram a ser apresentadas em diversos formatos, os quais são escolhidos de acordo com a intenção do criador em retratar determinada ação.

Outro elemento relevante na questão visual é o contorno dos quadrinhos, os quais não são extremamente rígidos, uma vez que as linhas que o demarcam podem ser sugestivamente informativas: algumas representam o momento presente, verossímil (como as linhas contínuas e sólidas que envolvem as imagens), outras representam um momento passado ou um sonho, devaneio, da personagem (como as linhas pontilhadas, ou em forma de nuvens, que envolvem as imagens) e, ainda, as linhas que participam de forma metalingüística das histórias (como as linhas demarcatórias que ampliam as possibilidades narrativas do meio). Existem alguns autores que preferem jogar com a utilização das linhas de contorno, extrapolando, em determinados momentos, os limites estabelecidos pelas linhas e fazendo com que a ação se desenrole fora dos quadrinhos.

Segundo Cirne (1972), a montagem de uma história em quadrinhos estabelece relação com o tipo de material em que vai ser veiculada. As tiras de jornal, por exemplo, trabalham com temas específicos em dois ou três quadrinhos e podem ser apresentadas isoladas (como as tiras diárias que permitem um

entendimento completo do sentido) ou interligadas (como as tiras que se relacionam com tiras anteriores e posteriores, que só permitem um entendimento do sentido após a leitura de toda a história).

As tiras apresentam, normalmente, como título, o nome da personagem, ou grupo de personagens, em destaque. Esse título localiza-se, na maioria das vezes, no alto da tira à esquerda, chamando a atenção do leitor. Após serem publicadas nos jornais, muitas tiras são reunidas em álbuns que são publicados regularmente.

A representação gráfica das personagens relaciona-se com o estilo dos quadrinhos: nas histórias cômicas, as personagens são caricatas; nas de aventura, são realistas ou estilizadas com personagens caricaturais ou antropomórficas (como as personagens da Disney). A caracterização da personagem possui, como complemento, as suas expressões corporais e faciais, que auxiliam a compreensão de seu estado de espírito na história em quadrinhos.

Ainda no que diz respeito à questão visual, o criador das histórias em quadrinhos faz uso de figuras cinéticas e de metáforas visuais. As figuras cinéticas dão idéia de mobilidade e de deslocamento físico tais como trajetória linear (linhas ou pontos que marcam o espaço percorrido), oscilação (traços curtos que envolvem a personagem indicando tremor ou vibração), impacto (estrela irregular em cujo centro se situa o objeto que produz o impacto ou o lugar onde ele ocorre). As metáforas visuais compreendem signos ou convenções gráficas e apresentam uma relação direta ou indireta com expressões de senso comum como *ver estrelas*, *falar cobras e lagartos*. Têm como objetivo expressar idéias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal.

A linguagem verbal compreende parte da mensagem das histórias em quadrinhos e das tiras e serve para expressar a fala ou pensamento das personagens, a voz do narrador e os sons envolvidos nas narrativas apresentadas, podendo aparecer, também, em elementos gráficos como cartazes, cartas, vitrines. Sua representação nos quadrinhos é marcada por uma linha circular, próxima à cabeça das personagens que a expressam, constituindo o *balão*.

O balão representa uma interação entre imagem e palavra, imprimindo certa complexidade às histórias em quadrinhos. Sua função é a de indicar a ordem dos falantes e, também, a de informar algumas atitudes ao leitor como, por exemplo, as linhas tracejadas (indicam que a personagem está falando baixo), os formatos em nuvem com rabicho de bolhas (que indicam o pensamento da personagem), os

traçados zig-zag, semelhantes a uma descarga elétrica (que podem representar tanto a voz que sai de um aparelho eletrônico quanto um grito da personagem), os múltiplos rabichos de um mesmo balão (indicam que várias personagens estão falando ao mesmo tempo).

É importante ressaltar que, ao contrário do que muitos crêem, as histórias em quadrinhos não objetivam alcançar apenas o público infantil, mas também o adulto. Há revistas em quadrinhos totalmente voltadas para o público adulto, como é o caso das coletâneas de Mafalda e de Calvin.

Em relação à aceitação das histórias em quadrinhos por parte das escolas, Mendonça (2003) ressaltava que há certa resistência. Esse gênero textual é considerado um gênero próprio para crianças e/ou adultos com baixo grau de letramento. Apesar de contribuir muito para o desenvolvimento da habilidade desses leitores, tal tipologia não deve ser indicada apenas para esse público. Dessa forma, as histórias em quadrinhos são consideradas leituras fáceis e de baixa qualidade textual, o que é um engano porque, muitas vezes, elas são bastante complexas e dependem de conhecimento prévio das personagens para serem bem compreendidas e interpretadas. Esses textos podem ser tão complexos quanto qualquer outra tipologia textual, no que tange ao funcionamento discursivo.

Porém, com o avanço das pesquisas lingüísticas e educacionais, aos poucos, essa tipologia vem sendo incorporada aos livros didáticos e à rotina das salas de aula, apesar de não terem atingido o espaço merecido. Elas podem servir tanto para ilustrar algum tema quanto para gerar reflexões a respeito de determinado conteúdo, sendo utilizadas na seqüência normal das atividades escolares. Isso dependerá apenas da criatividade e do empenho do professor em utilizar as histórias em quadrinhos e as tiras para atingir seus objetivos em sala de aula.

O estudo dessa tipologia textual é de suma importância porque constitui um material rico para o entendimento dos múltiplos usos da linguagem e, como registra Mendonça (2003, p.205): “A habilidade de dosar contextualização, implicitude e explicitude das informações em um texto pode ser desenvolvida com as histórias em quadrinhos”.

Para realizar um bom trabalho com a linguagem, devem-se buscar subsídios teóricos coerentes que considerem não só o funcionamento da linguagem, mas também o seu aspecto comunicativo. Acredita-se, assim, que a Teoria das Implicaturas pode servir de subsídio, uma vez que contribui para a compreensão do

sentido na linguagem.

Faz-se importante registrar que nesta dissertação a abordagem dos quadrinhos será totalmente lingüística. A imagem, se necessária, será transformada em linguagem através de descrição. Assim, é importante entender como se dá a produção das histórias em quadrinhos de Mafalda, tópico que será abordado na próxima seção. Já na terceira seção, pretende-se estabelecer a relação das implicaturas com as histórias de Mafalda.

3.2 MAFALDA

Para entender melhor as histórias de Mafalda, é necessário que se registre de maneira breve o percurso histórico de sua produção, bem como suas características mais relevantes (inclui-se aqui a caracterização das personagens).

As histórias em quadrinhos de Mafalda são criadas por Joaquin Salvador Lavado, que utiliza o pseudônimo de Quino.

Segundo o site oficial de Mafalda, sua trajetória engloba o período que vai de 1964 a 1973, através de três publicações: “Primera Plana”, “El Mundo” e “Siete Días Ilustrados”. Depois que a Mafalda se despediu do público em 1973, Quino retorna com suas personagens em várias campanhas a favor dos direitos das crianças. Ocasionalmente, ele já havia feito isso antes, como no caso de “El Mosquito”, publicação interna do Hospital de Niños de Buenos Aires. Em 1977, a UNICEF pede a Quino que ilustre a “Declaração dos Direitos das Crianças” com Mafalda e seus amigos. E assim, após três anos sem criar nenhuma nova tira, o autor produz para o organismo mundial dez vinhetas e um pôster originais. Em 1984, a pedido de uma instituição de ação social, a Liga Argentina para a Saúde Bucal, LASAB, Quino faz com que Mafalda lave publicamente os dentes para que todas as crianças da Argentina o fizessem com ela. No Brasil, o lançamento dos primeiros livros acontece em 1981.

As tiras de Quino tratam de assuntos bastante polêmicos e complexos. Elas abordam a problemática social, sugerindo críticas e levando a julgamentos. A ironia é uma figura de linguagem muito presente nessas histórias.

Umberto Eco (apud QUINO, 1993) registra que Mafalda não deve ser considerada apenas uma personagem das histórias em quadrinhos, mas sim a personagem dos anos setenta na Argentina. Ele a define como “contestadora”, uma

vez que a considera uma heroína “enraivecida” que recusa o mundo tal como ele é. O autor acrescenta que, para compreender Mafalda, é necessário traçar um paralelo com outra grande personagem: Charlie Brown. Charlie Brown é norte-americano, Mafalda é sul-americana (argentina). Ele pertence a um país próspero, a uma sociedade rica, à qual procura se integrar desesperadamente mendigando solidariedade e felicidade; ela pertence a um país repleto de contrastes sociais que, no entanto, nada mais quer do que a tornar integrada e feliz, algo que Mafalda recusa, resistindo a todas as tentativas. Charlie Brown vive em um universo infantil que rigorosamente exclui os adultos (embora as crianças desejem se comportar como adultos); Mafalda vive em uma dialética contínua com o mundo adulto, que não ama nem respeita, mas, pelo contrário, ridiculariza e repudia, reivindicando o direito de continuar a ser uma menina que não quer incorporar o universo adulto dos pais. A personagem americana leu os “revisionistas” de Freud e procura uma harmonia perdida; já Mafalda provavelmente leu Che. Com certeza, esse paralelo estabelece um grande contraste entre as personagens envolvidas, porém, como coloca Umberto Eco, Mafalda sofre uma evidente influência da personagem norte-americana.

Mafalda é uma menina de sete anos e vive em Buenos Aires. Ela tem grandes preocupações com questões sociais e políticas. Filha de uma típica família da classe média argentina, Mafalda representa o anticonformismo da humanidade, mas acredita em sua própria geração. Ela odeia a injustiça, a guerra, as armas nucleares, o racismo, as absurdas convenções do mundo adulto, e, obviamente, a sopa. As suas paixões são os Beatles, a paz, os direitos humanos e a democracia.

Mafalda é cercada por um elenco de personagens mais “unidimensionais”, como os define Eco. Essas personagens são: Felipe, Manolito, Susanita, Miguelito, Libertad, Guile e os Pais. Assim, a seguir serão descritas as principais características dessas personagens, que compõem o universo das histórias de Quino.

Felipe é sonhador, tímido, preguiçoso e desligado. Possui um perfil oposto ao de Mafalda. É fã das histórias de aventura. Odeia a escola e ter que realizar as tarefas de casa. Manolito, por sua vez, é bruto, ambicioso e materialista. Caracteriza-se como um menino plenamente integrado em um capitalismo de bairro, absolutamente convencido de que o valor essencial do mundo é o dinheiro. Susanita é uma menina fofoqueira, egoísta e briguenta por vocação. É doente de amor

maternal e perdida em sonhos pequeno-burgueses. Miguelito é sonhador como Felipe, apesar de ser mais egoísta e muito menos tímido. Sua inocência é à prova de tudo e vive refletindo sobre questões sem importância. Detesta a idade que tem e o fato de não ser notado. Acredita ser o centro do mundo e ninguém consegue convencê-lo do contrário. Libertad é uma espécie de Mafalda em miniatura, apesar de ser menos tolerante. Intelectual, crítica e perspicaz, ela ama a cultura, as reivindicações sociais e as revoluções. Já Guile é o típico representante da idade da inocência, em que tudo está para ser descoberto. Dono de um ternura marota, é a única personagem que cresce de uma tira para outra. Adora os rabiscos nas paredes, a chupeta *on the rocks* e a Brigitte Bardot. Os pais caracterizam-se por ser um típico casal de classe média. São passivos, limitados e, até mesmo, levemente falidos. O pai trabalha em um escritório fazendo contas para chegar ao final do mês. A mãe abandonou a universidade para formar uma família, fato que a Mafalda critica sempre que tem oportunidade. Ele ama as plantas. Ela vive o dilema do que cozinhar. Eles possuem duas fraquezas: os filhos e o nervocalm (paliativo farmacêutico).

Mafalda, como bem coloca Umberto Eco em 1969 (In: MAFALDA, 1993), não é uma heroína, mas sim uma anti-heroína. Ela não aparece para salvar as pessoas, aparece para criticar comportamentos e situações e pôr a sociedade em questionamento. Assim, as histórias em quadrinhos, quando atingem certo nível de qualidade, acabam assumindo a função de questionadoras de costumes e isso pode ser claramente observado na produção de Quino, uma vez que Mafalda reflete as tendências de uma juventude inquieta.

Assim, percebe-se, devido à riqueza e à qualidade dos textos de Quino, que a interpretação não deve se limitar apenas ao que é lingüisticamente expresso, ao campo semântico, idéia que vem sendo defendida a todo momento neste trabalho, mas tentar alcançar o significado construído pelas personagens através dos implícitos presentes no texto. Para tanto, é preciso observar não só o que as personagens dizem, mas como e por que dizem. Esses elementos, ao serem considerados, revelam também as implicaturas geradas a partir da relação autor-leitor. Relação essa que será analisada neste trabalho. As implicaturas em Mafalda é o tema da próxima parte do trabalho.

3.3 AS IMPLICATURAS EM MAFALDA

Como já foi mencionado anteriormente, as histórias em quadrinhos constituem uma tipologia textual repleta de implícitos. O trabalho com os quadrinhos torna-se bastante eficaz, porque, para a progressão dos diálogos, as personagens dependem da compreensão dos implícitos para estabelecerem implicaturas e obterem o entendimento comunicativo, bem como o leitor necessita identificar as implicaturas geradas pelo autor. Assim, o estudo sobre as inferências tipo implicatura se desenvolve a partir da conversação entre as personagens dos quadrinhos, enfocando a seqüência da história. O entendimento entre as personagens dá-se a partir dessas inferências, que são estabelecidas ao longo da história a partir daquilo que foi dito. De maneira análoga, o processo inferencial se estabelece também em relação às implicaturas geradas através da conexão entre autor e leitor.

Então, pode-se dizer que o texto nem sempre fornece todas as informações possíveis. Há elementos implícitos que precisam ser recuperados pelo receptor para a produção de sentido. A partir de elementos presentes no texto, são estabelecidas relações com as informações implícitas. Por isso, o ouvinte/leitor precisa estabelecer relações dos mais diversos tipos entre os elementos do texto e o contexto, bem como reconhecer a intenção do falante/autor, para que possa interpretar o texto de forma adequada.

Quino, ao produzir suas histórias em quadrinhos, configura-se como um verdadeiro mestre no que tange ao uso da linguagem, uma vez que ele transmite inúmeras mensagens sem explicitá-las. O objetivo do autor é que o leitor possa entender as mensagens propostas pelas tiras.

O autor de Mafalda faz uso de figuras de linguagem, tais como a metáfora e a ironia, o que lhe permite tratar de temas extremamente polêmicos sem se comprometer. É através do sentido figurado e do humor presentes em seus textos que ele estabelece suas opiniões e críticas, conseguindo, em muitos momentos, até mesmo criticar a ditadura e driblar a censura. Assim, como coloca Oliveira (2007), o leitor é convidado a interpretar não o que está dito, mas o que está implicado nas afirmações registradas nas histórias. Quando o leitor não consegue estabelecer as relações necessárias entre o dito e o implicado, ele acaba ficando no âmbito do dito. Há momentos em que Quino recorre à memória social dos leitores (por exemplo, a

ditadura argentina). Para o leitor, nesse caso, é necessário lembrar que a tira foi produzida na época da ditadura argentina e que os fatos retratados nela remetem aos fatos ocorridos em tal época. Oliveira (2007) diz que, se o leitor não alcançar esse nível de interpretação, o texto se torna apenas engraçado, para os que não consideram o contexto e crítico, ao mesmo tempo, para os que reconhecem a realidade sócio-política da Argentina.

Percebe-se que Quino faz um uso constante das máximas conversacionais propostas por Grice (1975), assim como, em diversos momentos, as viola, com o objetivo de que o ouvinte/leitor tire suas próprias conclusões conforme o contexto conversacional. E é através dessas máximas e de suas violações que Mafalda retrata os conflitos da época e as frustrações da vida humana, de maneira bem-humorada e bastante crítica. Conforme registra Lins (2000, p.11):

As noções pragmáticas de implicaturas conversacionais propiciam uma análise mais aprofundada, porque leva em conta o sentido criado no interior do processo de interação entre interlocutores, na partilha de conhecimentos internalizados, sejam esses conhecimentos de ordem social, cultural ou lingüística.

Assim, conclui-se que as histórias em quadrinhos de Mafalda evidenciam uma postura reflexiva, polêmica e crítica da realidade, que é apreendida através das implicaturas estabelecidas ao longo dos textos. A Pragmática é responsável por oferecer as ferramentas fundamentais para que a interpretação desse tipo de mensagem se dê da maneira mais eficaz possível.

Os implícitos que aparecem nas histórias em quadrinhos e que direcionam a interpretação das histórias de Mafalda são abordados no próximo capítulo através da análise das tiras, elucidando o que foi registrado até o presente momento. Para a avaliação desses implícitos, é tomada como base a teoria de Grice, que trata do significado que vai além do dito.

4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, MAFALDA E ANÁLISE DOS DADOS

Os capítulos anteriores evidenciam a importância da Pragmática e a noção de que os implícitos dão conta daquilo que não foi totalmente expresso pelo dito. Isso pode ser claramente percebido nas histórias em quadrinhos, uma vez que elas transmitem muito mais conteúdo semântico do que apenas aquele expresso linguisticamente. Por trás do que foi expresso, há crenças, valores, ideais, que são percebidos no nível das implicaturas convencionais e no nível das implicaturas conversacionais particularizadas, que são estudadas neste trabalho.

Este capítulo tenta aplicar a Teoria das Implicaturas de Grice às histórias em quadrinhos. Na primeira seção, registra-se a metodologia utilizada para a análise, para, na segunda seção, ser realizada a análise propriamente dita, quando é apresentada uma possibilidade de interpretação textual.

4.1 METODOLOGIA

Assim como foi registrado anteriormente, Grice (1975) busca sistematizar a conversação humana, tentando explicar como é possível o ouvinte entender o que o falante disse e o que ele quis dizer com sua fala. Para tanto, o autor elabora um cálculo lógico que é utilizado neste trabalho para a análise das histórias em quadrinhos. Tal cálculo tenta explicar o que um indivíduo (A) faz ao ouvir o enunciado (E) e julgar que, de acordo com o contexto (C), o remetente da mensagem (B) quis transmitir o implicado (Q), além do que (E) significa literalmente. Costa (1984) afirma que esses cálculos se baseiam no Princípio de Cooperação e no conhecimento de contexto, que se caracteriza como o fulcro da questão, pois as histórias em quadrinhos de Mafalda são dependentes de contexto e, para poder aplicar um cálculo dedutivo a elas, pensa-se que o contexto tem a função de um par ordenado com a sentença, que seja conhecido mutuamente, pois do contrário não é possível nova informação. Além disso, também é preciso que seja um conjunto de proposições, formado, portanto, de entidades representáveis linguisticamente. Com essa definição de Costa, qualquer história em quadrinhos pode ser traduzida com referências conhecidas ou aceitas. O destinatário poderá inferir o conteúdo significativo total permitido pelo remetente (E + Q).

Pode-se pensar na teoria de Sperber e Wilson (1986) neste momento, em

relação à noção de conhecimento mútuo e de contexto. Para os autores, não é possível falar em conhecimento mútuo, visto que é impossível dizer que uma pessoa tem os mesmos pensamentos, conceitos, que outra. O mesmo ocorre com o contexto, que é definido pelos autores como um construto mental, que varia, é elástico, de acordo com as suposições exigidas na hora do processamento das informações. Sperber e Wilson falam em ambiente mutuamente manifesto. É uma definição bastante interessante. O cerne da questão está em conseguir, a partir desses conceitos, criar uma metodologia de análise.

A preocupação do trabalho é avaliar a Teoria das Implicaturas de Grice, sua metodologia, sua aplicabilidade, portanto, é utilizada a ampliação de seu modelo, sugerida por Costa (1984), que diz que o conceito de contexto é o conjunto de sentenças mutuamente conhecidas, das quais apenas as relevantes, necessárias e determinadas são consideradas para o cálculo de uma implicatura.

Faz-se importante registrar que, nas histórias em quadrinhos analisadas, serão considerados dois níveis de implicaturas: as implicaturas internas e as implicaturas externas. As implicaturas internas remetem àquelas implicaturas geradas a partir da interação entre as personagens das tiras, enquanto as implicaturas externas dizem respeito às implicaturas estabelecidas a partir da conexão entre autor e leitor.

A análise das implicaturas é realizada a partir do cálculo sugerido por Grice, considerando os devidos refinamentos de Costa.

- (A) o destinatário (personagem que ouve a fala do outro, no caso das implicaturas internas; leitor, no caso das implicaturas externas)
- (B) o remetente (personagem que fala, no caso das implicaturas internas; autor, no caso das implicaturas externas)
- (C) o contexto (conjunto de proposições potenciais, conhecidas por (A) e por (B) ou que pelo menos, podem ser aceitas como não controversas. O contexto das histórias em quadrinhos também aparece aqui)
- (E) o enunciado (fala das personagens)
- (I) a implicatura (as inferências do tipo griceano)

O corpus do trabalho se constitui de sete histórias em quadrinhos (tiras) de Mafalda. Essas histórias fazem parte da coletânea de histórias em quadrinhos de Mafalda, produzidas por Quino. Então, na próxima seção do capítulo, dá-se início às análises.

4.2 ANÁLISE DE DADOS

Como já foi registrado anteriormente, a metodologia aplicada na análise das histórias em quadrinhos respeita a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), seguindo o cálculo dedutivo proposto por Costa (1984).

Esta seção detém-se na análise das histórias em quadrinhos, ressaltando que somente serão exploradas as implicaturas conversacionais particularizadas e que a imagem só será contemplada na análise quando acrescentar alguma informação ao código verbal e/ou for responsável por gerar implicatura. Registra-se que, nos casos em que a imagem for necessária para o entendimento das implicaturas, ela será transformada em linguagem através de descrição. Seguem-se então as análises das histórias em quadrinhos:

História em quadrinhos 1⁶

(E1) = Mafalda: “É horrível! As pessoas estudam, se formam e... Pimba! Vão embora para o estrangeiro!” (1º quadrinho)

(E2) = Mafalda: “Se continuar assim, esse país vão acabar indo a ...” (2º quadrinho)

(E3) = Mafalda: “...A...” (3º quadrinho)

(E4) = Mafalda: “... Ao estrangeiro!” (4º quadrinho) => nesse momento, a mãe de Mafalda a observa com uma expressão facial de repreensão.

(I) = Se as pessoas, ao se formarem, não permanecerem no país de origem, ou seja, se as pessoas não mudarem de atitude, o país vai acabar falindo, estará fadado ao fracasso (Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de qualidade).

(remetente) = Mafalda

(destinatário) = as pessoas em geral, a mãe de Mafalda

(C) =

1 - As pessoas estudam em seus países de origem;

2 - Quando as pessoas se formam, vão embora para outros países (estrangeiro);

⁶ As histórias em quadrinhos apresentadas foram retiradas da coletânea de tiras de Quino, intitulada “Toda Mafalda”, e seguem em anexo no final deste trabalho.

3 - A atitude das pessoas (de irem embora para o estrangeiro após se formarem) é errada;

4 - A atitude das pessoas (de abandonarem seus países após se formarem) é prejudicial ao país de origem;

5 - As imagens do primeiro, segundo e terceiro quadrinhos revelam o inconformismo de Mafalda em relação à atitude das pessoas, bem como a expressão “horrrível” que denota crítica;

6 - Se as pessoas continuarem a agir de tal maneira, o país vai falir.

O cálculo inferencial feito deve ser:

- a. Mafalda disse (E1), (E2), (E3) e (E4);
- b. Mafalda não ofereceu todas as informações pelo que disse;
- c. Ainda assim, Mafalda deve estar cooperando;
- d. Mafalda sabe que as pessoas em geral, bem como sua mãe, sabe (C);
- e. Mafalda será relevante dizendo (E1), (E2), (E3) e (E4) se pretender que os destinatários (pessoas em geral e sua mãe) pensem (I);
- f. Mafalda disse (E1), (E2), (E3), (E4) e implicou (I).

Em relação à implicatura interna, observa-se que Mafalda, no primeiro quadrinho, gera um implícito ao enunciar (E1), evidenciando a idéia de que as pessoas não querem permanecer em seus países após formadas. Percebe-se também o inconformismo de Mafalda no que se refere à atitude das pessoas e essa idéia é alcançada através de sua fala (que carrega um tom crítico, denunciado principalmente pelo uso do vocábulo “horrrível”) e das expressões faciais e corporais da personagem. Sendo assim, é importante registrar que a imagem exerce um papel fundamental na história. Seguindo a análise interna, nota-se que Mafalda, ao perceber que sua mãe a observava, acaba mudando o discurso para não ser repreendida. A intenção de Mafalda era a de utilizar uma expressão de baixo calão, porém, ao notar a presença da mãe, ela profere uma palavra mais adequada com o objetivo de não causar problemas a si própria. A quebra da máxima de qualidade pode ser considerada nesse exemplo porque Mafalda dá uma resposta falsa, uma vez que tem a intenção de dizer outra coisa.

Já quanto à implicatura externa, Quino apresenta a idéia de que não se deve abandonar o país de origem, após ter alcançado benefícios através dele (como por

exemplo, formar-se). O autor sugere que as pessoas que tomam tal atitude são pessoas ingratas, pois se beneficiam de seus países, mas não colaboram com o progresso dos mesmos. O autor também deixa implícita a idéia de que não se devem falar palavras de baixo calão, sobretudo as crianças.

História em quadrinhos 2

(E1) = Felipe: “É exagero seu! Nem todo mundo que se forma vai para o estrangeiro” (1º quadrinho)

(E2) = Mafalda: “Você acha?” (1º quadrinho)

(E3) = Felipe : “Veja os políticos!... Quem não é advogado, é engenheiro, médico...” (2º quadrinho)

(E4) = Felipe: “...ou arquiteto!...E nem por isso vão para o estrangeiro!” (3º quadrinho)

(E5) = Mafalda: “QUE PENA!” (4º quadrinho)

(I) = Se os políticos fossem embora para o estrangeiro, saíssem do país, seria um grande benefício para a população. As pessoas ficariam livres da corrupção (Implicatura conversacional particularizada pela quebra da máxima de modo, por gerar ambigüidade).

(remetente) = Felipe / Mafalda

(destinatário) = Mafalda / Felipe

(C) =

1 - Nem todas as pessoas que se formam vão para o estrangeiro;

2 - Mafalda tem dúvida sobre o fato de que nem todas as pessoas que se formam vão para o estrangeiro;

3 - Os políticos não vão para o estrangeiro;

4 - Os políticos desenvolvem sua formação após formados, como advogado, médico ou arquiteto;

5 - A imagem do último quadrinho mostra a decepção de Mafalda ao saber que os políticos não vão para o estrangeiro;

6 - O fato de os políticos não irem para o estrangeiro é algo lamentável.

O cálculo inferencial deve ser:

a. Felipe disse (E1);

- b. Felipe não ofereceu todas as informações requeridas pelo que disse;
- c. Ainda assim, Felipe deve estar cooperando;
- d. Felipe sabe que Mafalda sabe (C);
- e. Felipe será relevante dizendo (E1), (E3) e (E4), para que Mafalda diga (E2) e (E5) e pense (I);
- f. Felipe disse (E1), (E3) e (E4), fazendo com que Mafalda dissesse (E2) e (E5) e implicasse (I).

Considerando a perspectiva interna de análise das implicaturas, Mafalda estabelece, no primeiro quadrinho da história, um implícito, uma vez que sugere que Felipe esteja errado, duvida de sua colocação. Porém, Felipe argumenta, nos próximos quadrinhos, para provar seu ponto de vista. Ele também estabelece o implícito de que os políticos são pessoas que se formam e não vão embora do país. Ainda em relação às implicaturas internas, percebe-se que a opinião de Mafalda sobre a permanência dos políticos no país pode levar a duas interpretações: a) falta de benefício, falta de sorte para eles, pois há a cultura de que ir para fora, para outro país é algo positivo na vida das pessoas que tomam tal atitude; b) falta de sorte para a população governada pelos políticos, visto que estes geralmente são considerados corruptos. Essa segunda interpretação revela a decepção de Mafalda ao saber que os políticos não vão embora do país. Isso é percebido não só pela linguagem verbal, mas também pela expressão facial da personagem. Portanto, a imagem é extremamente importante para a compreensão da história. A quebra da máxima de modo justifica-se justamente por produzir ambigüidade, sugerindo mais de uma possibilidade de significação.

O tratamento externo das implicaturas aponta praticamente para a mesma idéia das implicaturas internas, ou seja, sugere ao leitor a implicatura de que é lamentável que os políticos não deixem o país, pois assim a população não se livra da corrupção.

História em quadrinhos 3

(E1) = Mafalda: “Meu pai não quer comprar televisão porque ele acha que deforma a mente das crianças” (1º quadrinho)

(E2) = Felipe: “Que bobagem! Eu tenho televisão e nem por isso tenho a

mente deformada!” (2º quadrinho)

=> Mafalda observa o ponto de interrogação no balão que está acima da cabeça de Felipe (3º quadrinho)

(E3) = Mafalda: “Bem!... Vai ver que em vez de mente meu pai quis dizer cabeça” (4º quadrinho)

(I) = É melhor (ou menos pior) ter a cabeça deformada do que a mente, ou seja, a deformação física é mais tolerável do que a intelectual. (Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de modo e de relação).

(remetente) = Mafalda / Felipe

(destinatário) = Felipe / Mafalda

(C) =

- 1 - Televisão é um aparelho eletrônico de uso doméstico;
- 2 - O pai de Mafalda não quer comprar televisão;
- 3 - A televisão deforma a mente das crianças;
- 4 - Felipe não concorda com a opinião do pai de Mafalda de que a televisão cause deformação na mente das crianças;
- 5 - Felipe diz não ter a mente deformada;
- 6 - A imagem no terceiro quadrinho mostra que Felipe tem dúvida sobre o que diz;
- 7 - Talvez a televisão cause deformação não na mente das crianças, mas sim na cabeça;
- 8 - O fato da televisão causar deformação física não é algo tão grave quanto o fato de causar deformação intelectual.

O cálculo inferencial realizado deve ser:

- a. Mafalda disse (E1) e (E3);
- b. Mafalda não ofereceu todas as informações requeridas pelo que disse;
- c. Ainda assim, Mafalda deve estar cooperando;
- d. Felipe sabe que Mafalda sabe (C);
- e. Mafalda será relevante dizendo (E1) para que Felipe diga (E2) e em seguida será relevante novamente dizendo (E3) se pretender que Felipe pense (I);
- f. Mafalda disse (E1), fazendo com que Felipe dissesse (E2) e após ela dissesse (E3) para implicar (I).

Ao se considerar a análise das implicaturas internas, pode-se perceber que Mafalda, ao enunciar (E1) no primeiro quadrinho, sugere a idéia de que a televisão é prejudicial às crianças. Já no segundo quadrinho, Felipe, ao enunciar (E2), implica a idéia oposta àquela colocada por Mafalda, mostrando que a televisão não causa deformação na mente das crianças, uma vez que ele possui uma e mesmo assim não se considera com a mente deformada. Essa idéia pode ser apreendida através da fala e das expressões faciais e gestuais da personagem. Porém, no terceiro quadrinho, Felipe parece ter dúvida sobre o que disse, pois há o registro de uma interrogação acima de sua cabeça. Essa interrogação é registrada no balão que representa o pensamento da personagem. Tais registros visuais revelam a importância da imagem no que tange ao entendimento das implicaturas. Já no último quadrinho, Mafalda diz que talvez seu pai tenha se enganado, numa tentativa de suavizar a situação, sugerindo, assim, que a deformidade física é melhor (ou menos pior) do que a mental / intelectual.

A implicatura por quebra da máxima de modo ocorre de duas formas: através da figura de linguagem metonímia e da obscuridade do discurso. A metonímia é registrada no momento em que Mafalda justifica a opinião de seu pai, utilizando o todo (cabeça) pela parte (mente). A obscuridade também é percebida no discurso de Mafalda, uma vez que ela parece ter dúvida sobre a colocação feita por seu pai. A implicatura por quebra da máxima de relação também é pertinente, pois Mafalda, no momento em que percebe que Felipe se sente intelectualmente ofendido, muda o tópico, tentando convencê-lo de que talvez não se trate de uma questão mental / intelectual, mas física.

Quanto à análise externa das implicaturas, verifica-se que o autor sugere ao leitor a idéia de que a televisão é prejudicial às crianças, pois se não deforma a mente, deforma a cabeça.

História em quadrinhos 4

(E1) = Pai: “Se eu disser para ela ver menos televisão, vai acabar me odiando. Por que não fala você?” => a fala do pai é direcionada à mãe que escuta com bastante atenção (1º quadrinho)

(E2) = Mãe: “Mafalda, seria melhor você não ver...” (2º quadrinho)

(E3) = Mafalda: “O quê?...” (3º quadrinho)

(E4) = Mãe: “O que o que, filhinha?” (4º quadrinho)

(I) = Os pais, assim como os filhos, são atraídos pela televisão. (Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de relação).

(remetente) = Pai / Mãe / Mafalda

(destinatário) = Mãe / Mafalda

(C) =

1 - O pai quer que Mafalda veja menos televisão;

2 - O pai tem receio de que a filha o odeie por exigir que ela veja menos televisão;

3 - O pai não tem coragem de fazer exigência à filha;

4 - A imagem do primeiro quadrinho mostra o desconforto do pai em ter que dizer à filha que ela deve ver menos televisão;

5 - O pai sugere que a mãe imponha à Mafalda a idéia de ver menos televisão;

6 - A mãe tenta exigir que a filha veja menos televisão;

7 - A mãe é atraída pela televisão;

8 - A mãe não consegue exigir que a filha veja menos televisão.

O cálculo inferencial deve ser:

a. O pai disse (E1);

b. O pai não ofereceu todas as condições requeridas pelo que disse;

c. Ainda assim, o pai deve estar cooperando;

d. O pai sabe que a mãe sabe (C);

e. O pai será relevante dizendo (E1), para que a mãe diga (E2) e (E4) e pense (I);

f. O pai disse (E1), fazendo com que a mãe dissesse (E2) e (E4) para implicar (I).

Analisando a história em quadrinhos acima de acordo com uma perspectiva interna, nota-se que no primeiro quadrinho o pai implica a idéia de que não tem coragem de dizer à filha que ela tem que ver menos televisão, uma vez que tem receio de que Mafalda passe a odiá-lo e sugere que tal atitude seja tomada pela mãe. A mãe, por sua vez, entende a implicatura e tenta passar a mensagem (de que Mafalda deve ver menos televisão) à filha, porém é atraída pela televisão,

desconsiderando o questionamento de Mafalda. A mãe, ao tentar convencer a filha de que ela deve assistir menos à televisão, depara-se com o problema que pretendia combater, uma vez que se vê totalmente envolvida pelo meio de comunicação. Dessa forma, a mãe, assim como o pai, acaba não impondo exigências e proibições à filha. As imagens desempenham um papel fundamental na compreensão das implicaturas, pois mostram o desconforto dos pais diante de situações de imposição à filha e o poder de persuasão da televisão. A implicatura por quebra da máxima de relação ocorre porque a mãe de Mafalda desconsidera o tópico iniciado, como se o que havia começado a falar não tivesse nenhuma importância.

A implicatura externa gerada por Quino mostra que a televisão constitui um meio de comunicação extremamente persuasivo, do qual nem mesmo os adultos se vêm livres. Além disso, Quino chama a atenção para o fato de que os pais não conseguem impor a hierarquia familiar. Ou seja, o autor transmite a idéia de que os pais não exercem o devido controle sobre os filhos, demonstrando receio e insegurança ao ter que tomar qualquer atitude que possa desagradá-los.

História em quadrinhos 5

(E1) = Mãe: “Do que vocês estão brincando?” (1º quadrinho)

(E2) = Mafalda, Felipe e Manolito: “De governo” (1º quadrinho)

(E3) = Mãe: “Bom, nada de bagunça, hein?” (2º quadrinho)

(E4) = Mafalda: “Não se preocupe, não vamos fazer absolutamente nada”

(3º quadrinho)

(I) = Os integrantes do governo não produzem nada durante o tempo em que permanecem no comando, ou seja, não desempenham nenhuma atividade (Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de qualidade).

(remetente) = Mãe, Mafalda, Felipe e Manolito

(destinatário) = Mafalda, Felipe, Manolito e Mãe

(C) =

1 - A mãe de Mafalda tem curiosidade de saber do que a filha e seus amigos estão brincando;

2 - A curiosidade da Mãe é sanada com a resposta das crianças;

3 - As crianças dizem estar brincando de governo;

4 - A imagem mostra as crianças sentadas à mesa com os braços apoiados

na mesma;

5 - Crianças, ao brincarem, geralmente fazem bagunça (conhecimento de mundo);

6 - A mãe ordena às crianças que não façam bagunça;

7 - Mafalda dá uma resposta à mãe, a fim de tranquilizá-la, dizendo que não vão fazer nada;

8 - A imagem do último quadrinho mostra as personagens escoradas na mesa, de olhos fechados, sem fazer nada.

O cálculo inferencial deve ser feito da seguinte maneira:

a. A mãe disse (E1) e (E3);

b. Ainda assim, a mãe deve estar cooperando;

c. A mãe sabe que Mafalda, bem como Felipe e Manolito, sabem (C);

d. A mãe será relevante dizendo (E1) e (E3), para que Mafalda, Felipe e Manolito digam (E2) e Mafalda novamente diga (E4) e pense (I);

e. A mãe disse (E1) e (E3), fazendo com que Mafalda, Felipe e Manolito dissessem (E2) e Mafalda dissesse (E4) para implicar (I).

A análise interna das implicaturas sugere os seguintes implícitos: o de que crianças, ao brincarem, fazem bagunça e o de que, ao se brincar de governo, não se faz bagunça nem outra coisa, na verdade não se faz nada. Essa última idéia é alcançada a partir do conhecimento de mundo, uma vez que há a crença popular de que os governantes não realizam nada durante os mandatos, ou seja, não contribuem para o crescimento / desenvolvimento do país, porque simplesmente não atuam. A implicatura por quebra da máxima de qualidade pode ser considerada porque Mafalda faz uso de ironia. A personagem fala uma coisa, querendo significar outra. Ao dizer que ela e seus amigos irão brincar de governo e ao tranquilizar a mãe de que não irão fazer bagunça porque não vão fazer nada, Mafalda implica a idéia de que os governantes não têm nenhuma atitude, não fazem nada literalmente. É importante ressaltar que tal idéia é reforçada pelas imagens do primeiro e do último quadrinho, que mostram as personagens numa atitude de ócio.

A implicatura externa gerada pelo autor aponta para uma crítica em relação ao desempenho dos governantes durante seus mandatos, que é de absoluta inércia.

História em quadrinhos 6

=> Mafalda liga o rádio (1º quadrinho)

(E1) = Locutor da rádio: “O Papa fez um novo apelo pela paz” (2º quadrinho)

(E2) = Mafalda: “E deu ocupado como sempre, não é? (3º quadrinho)

(I) = As pessoas não atendem ao pedido de paz feito pelo Papa, ou seja, ninguém se preocupa com a falta de paz (Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de relação e de modo)

(remetente) = Locutor da rádio

(destinatário) = Mafalda

(C) =

- 1 - A imagem mostra Mafalda ligando o rádio;
- 2 - A imagem revela que no rádio está sendo proferido algum discurso;
- 3 - O momento atual do proferimento do radialista remete a um tempo em que há falta de paz;
- 4 - O Papa faz um apelo;
- 5 - O Papa é uma autoridade (religiosa);
- 6 - As autoridades geralmente são ouvidas / atendidas;
- 7 - O Papa pede pela paz;
- 8 - O Papa é a favor da paz;
- 9 - A paz é necessária;
- 10 - A palavra “ocupado” implica que as pessoas não atendem ao apelo do Papa;
- 11 - As pessoas estão ocupadas com outros assuntos;
- 12 - As pessoas não estão preocupadas com a paz.

O cálculo inferencial feito por Mafalda deve ser:

- a. O locutor da rádio disse (E1);
- b. O locutor da rádio não ofereceu todas as informações requeridas pelo que disse;
- c. Ainda assim, o locutor da rádio deve estar cooperando;
- d. O locutor da rádio sabe que Mafalda sabe (C);
- e. O locutor da rádio será relevante dizendo (E1) para que Mafalda diga (E2) e pense (I);

f. O locutor da rádio disse (E1), fazendo com que Mafalda dissesse (E2) para implicar (I).

Quanto à implicatura interna, percebe-se que ela evidencia que as pessoas não atendem ao pedido do Papa. As pessoas, então, de acordo com a implicatura gerada pelo dito, não estão preocupadas com a paz ou com a falta dela. Elas têm outras preocupações. Há a intenção de mostrar que o descaso com a paz no nível do não-dito, estabelecendo-se uma inferência. A quebra da máxima da relação justifica-se devido ao fato da segunda frase aparentemente não estabelecer relação com a primeira. E a quebra da máxima de modo pode ser considerada nesse caso por haver o registro de uma metáfora, em que a atenção das pessoas, ou melhor, a falta de atenção, é comparada a uma linha telefônica ocupada.

Já quanto à implicatura externa, pode-se dizer que o autor estabelece uma crítica que deve ser compreendida pelo leitor: as pessoas precisam se preocupar com a paz. Elas estão desconsiderando a atual situação (que é de falta de paz) de tal forma que mesmo a maior autoridade religiosa não consegue persuadi-las.

História em quadrinhos 7

(E1) = Felipe: “Onde seu pai nasceu, Mafalda?” (1º quadrinho)

(E2) = Mafalda: “Espera aí... Deixa eu ver...” (1º quadrinho)

(E3) = Mafalda: “Ele me disse que quando era pequeno não conheceu a televisão, nem o nylon, nem a energia atômica, nem os antibióticos, nem os transistores...” (2º quadrinho)

(E4) = Mafalda: “...nem os aviões a jato, nem os satélites artificiais, nem os foguetes teleguiados, nem as lentes de contato” (3º quadrinho)

(E5) = Mafalda : “Então deve ter nascido no Mato Grosso” (4º quadrinho)

(I) = Mato Grosso representa o lugar aonde os conhecimentos não chegam, ou seja, o lugar onde não há desenvolvimento, cultura (Implicatura conversacional particularizada por quebra da máxima de quantidade – excesso de informação e de relação).

(remetente) = Felipe / Mafalda

(destinatário) = Mafalda / Felipe

(C) =

- 1 - Há a dúvida sobre onde o pai de Mafalda nasceu;
- 2 - As imagens do segundo e do terceiro quadrinhos mostram Mafalda enumerando as diversas faltas de conhecimento de seu pai quando pequeno;
- 3 - Segundo Mafalda, seu pai, quando pequeno, não teve acesso a quase nenhum conhecimento;
- 4 - Quem não tem muito conhecimento não nasce em lugar desenvolvido;
- 5 - Mato Grosso não é um lugar desenvolvido;
- 6 - Então o pai de Mafalda deve ter nascido em Mato Grosso.

O cálculo realizado deve ser:

- a. Mafalda disse (E2), (E3), (E4) e (E5);
- b. Mafalda não ofereceu todas as informações requeridas pelo que disse;
- c. Ainda assim, Mafalda deve estar cooperando;
- d. Mafalda sabe que Felipe sabe (C);
- e. Mafalda será relevante dizendo (E2), (E3), (E4) e (E5) se pretender que Felipe pense (I);
- f. Mafalda disse (E2), (E3), (E4) e (E5) e implicou (I).

Considerando a análise interna das implicaturas, observa-se que Mafalda chega à conclusão de que seu pai nasceu em Mato Grosso, devido ao fato de ele, quando pequeno, não ter tomado conhecimento sobre diversas invenções da humanidade. Assim, Mato Grosso passa a representar o lugar onde a desatualização impera, ou seja, aonde os conhecimentos não chegam. A implicatura por quebra da máxima de quantidade se justifica devido ao excesso de informação concedida. Esse excesso de informação é percebido no momento em que Mafalda enumera os diversos desconhecimentos de seu pai durante a infância e é a partir disso que o implícito de que o pai nasceu em um lugar aonde os conhecimentos não chegam é gerado, pois tamanha falta de conhecimento só poderia acontecer em Mato Grosso. A imagem de Mafalda recorrendo aos dedos das mãos para enumerar as desinformações contribui significativamente para a apreensão do implícito. Há também o registro da implicatura por quebra de relação, uma vez que aparentemente o fato de o pai de Mafalda não ter tido acesso a vários conhecimentos não tem nada a ver com a conclusão a que ela chega, de que seu pai deve ter nascido em Mato Grosso.

Quanto à implicatura externa, pode-se considerar que o autor da tira revela uma crítica aos lugares aonde os conhecimentos mais divulgados e mais acessados não chegam. E Mato Grosso nesse contexto representa todos os lugares desatualizados.

Analisando as histórias em quadrinhos, pode-se verificar que estas apresentam vários implícitos. As implicaturas presentes nos quadrinhos são apresentadas de diferentes formas e estão sempre nas entrelinhas, dificilmente aparecem na superfície, porque o objetivo principal é tratar de assuntos polêmicos de maneira crítica sem comprometimento explícito, fazendo uso do humor. As implicaturas apresentadas nas tiras possibilitam relatar e até mesmo delatar importantes questões sociais no nível do não-dito, uma vez que as idéias geradas não são registradas lingüisticamente, podendo aquele que as produziu alegar que não pretendeu dar tal significação, ou seja, há a possibilidade de cancelar as inferências.

As implicaturas nas tiras são registradas ao longo da história. Se não se entender cada um dos implícitos gerados, a compreensão da história ficará comprometida porque estará presa, limitada ao dito. E como já se sabe, a significação da história é alcançada somente no momento em que se desvenda o que está além do dito, quando se chega ao implicado. Dessa forma, o implicado tem a função de complementar o dito. Deve ser dado o mesmo tratamento às imagens, ou seja, é importante ir além do que a imagem mostra, é preciso buscar suas implicaturas, identificando as críticas sociais apontadas nas entrelinhas. Para tanto, observa-se que as implicaturas mais utilizadas em tal tipologia textual remete às implicaturas particularizadas, que são dependentes de contexto. Para se compreender os implícitos nas tiras, é necessário contextualizar as informações.

Assim, ao se aplicar a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) nas análises dos quadrinhos, percebe-se que ela é extremamente adequada, uma vez que esse tipo de texto é repleto de implicaturas. A teoria fornece os fundamentos necessários para apreender a significação que há por detrás do dito, propondo para tanto a aplicação do cálculo inferencial. Tal cálculo estabelece um raciocínio dedutivo, que parte do dito para alcançar o não-dito. Ou seja, estudando a linguagem de forma precisa, objetiva, pode-se chegar a soluções de problemas que fogem do âmbito da Lingüística e recaem no social, o que não é interesse deste trabalho, que busca apenas avaliar lingüisticamente um modelo de teoria pragmática, verificando sua

aplicabilidade e sua consistência.

Concluindo, o trabalho aponta como satisfatória a teoria escolhida, pois Grice explica e demonstra a comunicação verbal de maneira eficaz e objetiva, corroborando a importância das implicaturas para a compreensão das histórias em quadrinhos em geral. A linguagem dos quadrinhos é essencialmente pragmática, apesar de possuir uma base semântica. Por tal razão, o estudo da significação em linguagem natural é considerado a partir da interface entre a Semântica e a Pragmática.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo estabelecer uma proposta interessante de interface entre a Semântica e a Pragmática e verificar a validade e a consistência da Teoria das Implicaturas de Grice (1975), que descreve e explica o significado implícito enquanto processo inferencial de comunicação. Para tanto, foram utilizadas como fonte de análise as histórias em quadrinhos, por constituírem um material rico em implicaturas. É importante ressaltar que é possível instaurar a conexão entre os tópicos Semântica, Pragmática, Implicaturas e Histórias em Quadrinhos.

Este estudo foi organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo tratou da interface entre Semântica e Pragmática, evidenciando que a primeira teoria serve de base para a segunda. Foi realizado um breve relato sobre o significado e suas diferentes visões, de acordo com a teoria semântica que o recorta. Em seguida, foi apresentado um sucinto registro da teoria semântica e da teoria pragmática de acordo com o contexto lingüístico, para após finalizar através do estudo sobre a importância da interface entre Semântica e Pragmática, percebendo assim a relação desta última teoria com a semântica das condições-de-verdade e verificando a relevância do estudo da significação em contexto.

Buscou-se corroborar a idéia de que a Pragmática atua ao lado da Semântica no que se refere ao estudo do significado na comunicação humana, ou seja, a primeira teoria complementa a segunda. Essa hipótese é confirmada, uma vez que a comunicação depende não só da Semântica, mas requer também aspectos pragmáticos. Nota-se que a Semântica estuda o significado das condições-de-verdade e que não consegue explicar o que escapa a isso, não consegue dar conta

da dinamicidade do significado, sendo, então, necessário o surgimento de uma teoria pragmática para tratar de questões referentes ao uso da linguagem, como a intenção do falante e a questão do contexto. Austin, Searle e principalmente Grice, que estabelece a diferença entre o dito e o implicado, são considerados autores extremamente importantes no que tange ao percurso da Pragmática enquanto Ciência da Linguagem. O estudioso responsável pela Teoria das implicaturas ressalta a importância da interface, considerando que a Semântica fornece significados gerais e a Pragmática os restringe.

A teoria de Paul Grice configura-se como base para o estudo de diversos autores, que ampliam o seu modelo de comunicação, mas jamais deixam de reconhecê-lo como peça fundamental para a sistematização da Pragmática como ciência metodológica, passível de aplicação. Ao considerar que as implicaturas são proposições que estão implicadas pelo enunciado de uma sentença em um dado contexto, mesmo que tal proposição esteja fora do dito, o autor produz uma teoria comunicacional inovadora.

O segundo capítulo deste trabalho procurou articular a teoria pragmática com a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), sendo evidenciada uma breve apresentação do contexto histórico da referida teoria, para posteriormente ser realizado um estudo detalhado sobre ela, de acordo com texto “Lógica e Conversação” (1975). Nesse estudo, foi abordado o modelo teórico griceano, com o Princípio da Cooperação (através das categorias de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo) e os tipos de implicaturas. Considerando os pontos frágeis de tal modelo, foram registradas também as colocações de outros teóricos que contribuíram para a ampliação da teoria, como Sperbe e Wilson (1986), Levinson (1983), Costa (1984) e Carston (1991, 1999).

A segunda hipótese levantada por este trabalho é, portanto, confirmada. A Teoria das Implicaturas de Grice (com seus desdobramentos) se revela relevante ao estudo da significação da linguagem natural, uma vez que relaciona o dito e o não-dito de forma sistemática e passível de aplicação.

O terceiro capítulo contemplou o fenômeno das histórias em quadrinhos e o contexto das implicaturas, evidenciando as características das histórias em quadrinhos em geral e fazendo um breve estudo da produção de Mafalda, bem como das implicaturas nas histórias de Quino. Observa-se que a linguagem das histórias em quadrinhos é repleta de implícitos, sendo assim uma fonte pragmática

por natureza e um excelente material para o estudo das Implicaturas de Grice.

Foi verificado, nas histórias em quadrinhos, que os implícitos comunicam muito mais do que o dito, revelando inúmeras críticas sociais e políticas, bem como questionando comportamentos e atitudes humanas. O entendimento desses implícitos é imprescindível, pois o desenvolvimento das histórias se dá a partir do encadeamento dos mesmos registrados na fala das personagens. Faz-se importante registrar também que os implícitos são gerados pela quebra das máximas conversacionais. Assim, percebe-se a complexidade desses textos. As hipóteses sobre as histórias em quadrinhos apresentadas no trabalho são, portanto, confirmadas. O que se observou é que as máximas de modo e de relação são violadas com maior frequência, pois as histórias em quadrinhos utilizam-se de figuras de linguagem (como metáfora e metonímia), de ambigüidade e da fuga do tópico, o que produz o humor. Há também o uso da ironia, que revela a quebra da máxima qualidade, mostrando que as personagens falam sobre o que não acreditam com o objetivo de produzir um significado contrário. As inferências instauradas pelos elementos lingüísticos na análise dos quadrinhos revelam críticas que apontam as atitudes de muitas pessoas como inadequadas (como a falta de patriotismo, a falta de imposição dos pais diante dos filhos, o descaso dos políticos com o progresso do país e o descaso em relação aos problemas sociais, como a falta de paz), a corrupção como um problema social difícil de ser resolvido, a influência prejudicial de meios de comunicação (por exemplo, a televisão) sobre as pessoas e o subdesenvolvimento cultural. Assim, as tiras não objetivam apenas o humor, mas servem para promover reflexão sobre problemas enfrentados pelas pessoas em geral, estabelecendo críticas sociais sem precisar explicitá-las, de maneira bem-humorada. Essa percepção se deve à aplicação do modelo de Grice nas histórias em quadrinhos. Assim, fica evidente a extrema importância de Grice e seu estudo sobre as implicaturas conversacionais particularizadas. Vale registrar que existem inúmeros e excelentes estudos sobre o modelo proposto por Grice e que certamente serão produzidos outros, pois conforme argumentado anteriormente, assim como a Semântica serve de base para a Pragmática, o modelo de Grice serve e pode continuar servindo de base para outras teorias sobre a significação da linguagem natural. O que se pretendeu verificar foi a possibilidade de aplicação do modelo griceano nas linguagem das histórias em quadrinhos.

A conclusão a que se chega é que as histórias em quadrinhos possuem

propriedades essencialmente pragmáticas, justificando a importância de se estudar a Pragmática; já as implicaturas que carregam se constituem como complementação significativa indispensável ao dito, o que explica a importância da Teoria das Implicaturas de Grice.

Pode-se registrar que o presente estudo teve como preocupação não somente verificar a validade da teoria griceana como também mostrar que a linguagem dos quadrinhos é bastante complexa. É possível então estabelecer uma interface entre Pragmática e História em Quadrinhos, sugerindo que a partir de um estudo objetivo, teórico, com precisão científica, como este, pode-se sanar a idéia errônea de que as histórias em quadrinhos constituem um gênero textual de baixa qualidade. O estudo das inferências desse tipo tem sido ainda pouco explorado nos cursos de pós-graduação, assim como gozam de pouco prestígio e são raramente exploradas no ensino de língua materna, apesar de constituírem um rico material, tão complexo quanto qualquer outro gênero, no que tange ao funcionamento discursivo. Portanto, conclui-se que esse tipo de produção textual é bastante relevante e merece o devido reconhecimento, podendo ser abordado em estudos posteriores que envolvam linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford: Claredon Press, 1962.

BAR-HILLEL, Y. Expressões Indiciais. In: DASCAL, M. (org). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Volume Seis. Campinas: Unicamp, 1982.

BARRETO, Fernanda Menna. **As implicaturas conversacionais generalizadas na interface entre a semântica e a pragmática**. 2002 (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

BLOOMFIELD, Leonard. O significado. In: DASCAL, M. (org). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Volume Três. Campinas: Unicamp, 1982.

CARSTON, Robyn. Implicature, explicature and truth theoretic semantics. In: DAVIS, Steven (ed.). **Pragmatics: a reader**. New York: Oxford University Press, 1991.

_____. Explicature and semantics. In: Davis, S.; Gillon, B. (eds.) **Semantics: A Reader**. Oxford: Oxford University Press. 2004. Disponível em: <www.phon.ucl.ac.uk/home/robyn/home.htm>. Acesso em 2008.

_____. Truth-conditional content and conversational implicature . In: Bianchi, C. (ed.). **The Semantics/Pragmatics Distinction**. CSLI Publications. 2004. Disponível em: <www.phon.ucl.ac.uk/home/robyn/home.htm>. Acesso em 2008.

CIRNE, Moacy da Costa. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Para ler os quadrinhos**: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1972.

COSTA, Jorge Campos da. **A relevância da pragmática na pragmática da relevância**: a lógica não trivial da linguagem natural. 1984. (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1984.

DASCAL, Marcelo (org.) **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Volume três. Campinas, Unicamp, 1982.

_____. **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Volume seis. Campinas, Unicamp, 1982.

DAVIS, Steven. (ed). **Pragmatics**: a reader. Oxford: Oxford University Press, 1991.

GAZDAR, Gerald. **Pragmatics**: implicature, presupposition and logical form. New York: Academic Press, 1979.

GRICE, H. Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.) **Fundamentos metodológicos da lingüística**. Volume seis. Campinas, Unicamp, 1982.

_____. Logic and Conversation. In: DAVIS, Stevens (ed.) **Pragmatics**: a reader. Oxford: Oxford University Press, 1991, p.309-315.

KEMPSON, Ruth. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. London: Cambridge University Press, 1983.

_____. **Presumptive Meanings**. Cambridge: MIT Press, 2000.

LINS, Maria da Penha Pereira. **As estratégias pragmáticas de produção de humor em cartuns**. Vitória: Grafer, 2000. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/textoscompletos>>. Acesso em 2008.

LYONS, J. **Linguagem e Lingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1987.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OLIVEIRA, M.L.S. **O humor em Mafalda e a violação das máximas conversacionais**. In: SIGET 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2007. Tubarão-SC. Programação e resumos do 4º SIGET. Tubarão: Unisul, 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/102.pdf>>. Acesso em 2008.

PEIRCE, C.S. **Semiotics**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PORTANOVA, Ruth. A Pragmática das Implicaturas e a Linguagem Jurídica. In: SILVEIRA, Jane; IBAÑOS, Ana Maria (orgs.). **Na Interface Semântica/Pragmática**. Programa de Pesquisa em Lógica e Linguagem Natural. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

QUINO. **Toda a Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Mafalda Online**. Disponível em: <<http://www.mafalda.net> (Site oficial). Acesso em 2008.

SAG, Ivan. Formal Semantics and extralinguistic context. In: COLE, P. **Radical Pragmatics**. New York. Academic Press, 1981.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1971.

SEARLE, John. **Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SPERBER, Dan; WILSON, Deidre. **Relevance**: communication and cognition. Cambridge, MA: Harward University Press, 1986.

_____. Inference and implicature. In: DAVIS, Steven. (ed). **Pragmatics**: a reader. Oxford: Oxford University Press, 1991, p.377-393.

WITTGEINSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril, 1979.

ANEXOS

História em Quadrinhos 1



História em Quadrinhos 2



História em Quadrinhos 3



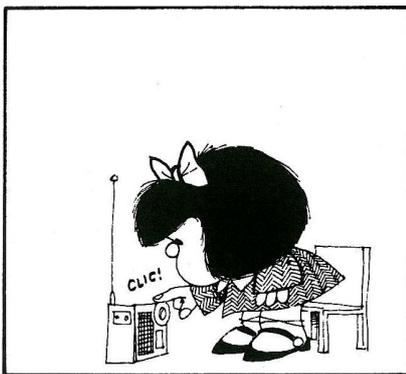
História em Quadrinhos 4



História em Quadrinhos 5



História em Quadrinhos 6



História em Quadrinhos 7

